



Plano de animação **vocacional**

Plano de animação vocacional

Roma | Janeiro 2021

© Curia Generalizia degli Agostiniani Recolletti
Viale dell'Astronomia, 27 - 00144 Roma (Italia)
www.agustinosrecoletos.com

Secretariado Geral
de Vocações e Juventude

Plano de Animação Vocacional



Contenido

Introdução

- 1. Para dar vida em Cristo... ..11
- 2. A sementeira paciente11
- 3. Pastoral juvenil e pastoral vocacional12
- 4. Um Plano de pastoral vocacional renovado 13

PRIMEIRA PARTE

ARAR

Capítulo 1 - Reconhecer

- 1.1. Um olhar à realidade do mundo 22
 - a) Globalização, mundo plural e secularismo 22
 - b) Constantes mudanças... .. 22
 - c) A diferença é riqueza. 23
 - d) As migrações 23
 - e) A busca religiosa 24
- 1.2. Um olhar sobre a Igreja.. 24
 - a) A família 24
 - b) As paróquias 25
 - c) Iniciação à vida cristã. 25
 - d) O papel profético da Igreja 25
 - e) Gestão administrativo-burocrática 26
- 1.3. Um olhar na Ordem 26
 - a) Criadores de comunhão 26
 - b) Mestre de interioridade 27
 - c) Disponibilidade para a evangelização. 27
 - d) Profetas do Reino... .. 27
 - e) Compromisso com a educação 28
- 1.4. Um olhar sobre os jovens... .. 28
 - a) Ser jovem hoje 28
 - b) Muitas juventudes.. 28
 - c) Ambiente digital 29
 - d) Corpo e afetividade 29
 - e) Arte, música e esporte 30

Capítulo 2 - Interpretar... .. 31

- 2.1. Vocação 31

2.2. A vocação fundamental à vida	32
2.3. A vocação comum	33
2.4. Vocações específicas	34
a) Vocação laical	34
b) Vocação ao ministério ordenado	35
c) Vocação à vida religiosa consagrada.. ..	36
d) Harmonia das vocações específicas... ..	38

SEGUNDA PARTE

SEMEAR

Capítulo 3 - Eleger	43
3.1. O kerigma vocacional... ..	44
3.2. Para um despertar vocacional	44
3.3. Ensinar a advertir.	45
3.4. Educar para o silêncio e a escuta... ..	45

TERCERA PARTE

CULTIVAR

Capítulo 4 - Sair	53
4.1. Acompanhar a conversão do coração	54
4.2. Acompanhar a educação do discípulo.. ..	54
4.3. Acompanhar a formação para a comunidade.	55
4.4. Acompanhar o discernimento da missão.	56
Capítulo 5 - Servir	58
5.1. Serviço como atitude necessária para responder ao chamado... ..	59
5.2. Serviço prestado pela Ordem na animação vocacional.. ..	59
a) Objetivo geral da animação vocacional agostiniano-recoleta	60
b) Objetivos específicos	60
c) Os agentes vocacionais	61
- Deus... ..	61
- O próprio vocacionado	61
- A comunidade vocacional	61
- A comunidade religiosa... ..	61
- O superior maior... ..	62
- O Secretariado de vocações e juventude	63
- O promotor ou coordenador vocacional ...	64
- O orientador local	64

- A Equipe de animação vocacional local ... 65
- A animação vocacional no Site
e nas Redes Sociais 66

Conclusões 67



Introdução

1. Para dar vida em Cristo

Santo Agostinho, já desde o começo de sua experiência monástica, convidou outros irmãos a unir-se ao seu mesmo estilo de vida. A partir de seu encontro com Cristo, ardeu em seu coração um fogo que sempre abrasou outros corações no mesmo desejo de Deus; chegaram a ser outras tochas que compartilharam com ele as sendas e aventuras da vocação cristã e monástica. Neste sentido, é muito significativo aquele episódio da vida do santo quando, no encanto da vida monástica em Tagaste (África) no ano 386, se dirigiu à cidade de Hipona para conquistar a um amigo para o mosteiro: *Vim a esta cidade para entrevistar-me com um amigo, a quem eu pensava conquistar para Deus, a fim de que viesse a estar conosco no mosteiro* (Santo Agostinho, *Sermão 355, 2*).

O santo de Hipona escreveu: *Exorto a outros com todo afã que posso a que abracem este propósito, e tenho irmãos no Senhor que por meio do meu ministério se decidiram ao fazê-lo* (Santo Agostinho, *Epístola 157, 4, 39, a Hilário*). Há um parágrafo breve de um de seus sermões que nos deveria levar a repensar a pastoral de animação das vocações a partir da fecundidade própria de toda vida cristã. Escreve Santo Agostinho: *Atrevemo-nos a chamar-nos mães de Cristo? [...] Foram filhos, sejam também mães levando Cristo ao maior número possível de pessoas; para que, assim como foram filhos ao nascer, sejam mães de Cristo levando outros a nascer* (Santo Agostinho, *Sermão 72 A, 8*). Como animadores vocacionais, estamos convidados a compartilhar o sonho de Agostinho de ser também amparo –pais e mães– para as novas vocações na Igreja de Cristo.

2. A semeadura paciente

A animação vocacional, como atividade pastoral, tem feito um caminho surpreendente em pleno Século XXI, desde o Concílio Vaticano II até nossos dias. Pode-se dizer que o caminho renovado pela pastoral vocacional representa um verdadeiro itinerário de busca, discernimento e iluminação a

respeito de sua mesma vocação e missão na Igreja. Dita travessia transparece uma mudança profunda de mentalidade para a pastoral vocacional, uma conversão de coração, um verdadeiro ato de fé, de amor e de esperança. Em resumo, se poderia dizer que se passou de uma pastoral vocacional da *pescagem milagrosa* a uma pastoral vocacional da *semeadura paciente*. Recentemente, no Sínodo dos bispos sobre *os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (2018), toda a Igreja foi solicitada a esta abordagem através do acompanhamento vocacional.

A pastoral vocacional é a ação organizada da Igreja, que se empenha a ajudar as pessoas a que tomem, aos poucos, consciência da vocação e missão que receberam de Deus. Neste sentido, a pastoral de animação vocacional é a ação da Igreja em favor de “todas as vocações”, a fim de que a mesma Igreja seja edificada segundo a plenitude de Cristo e conforme a variedade dos carismas que o Espírito Santo suscita nela. Portanto, sendo a Igreja mãe das vocações, a animação vocacional, como ação pastoral, ajuda a dar à luz o mistério maravilhoso no qual se realiza cada vocação humana e cristã. Por conseguinte, a Igreja acompanha a cada cristão para que, plenamente iniciado na fé, descubra e viva sua vocação específica.

3. Pastoral juvenil e pastoral vocacional

Toda a pastoral está orientada, por sua mesma natureza, ao discernimento vocacional, já que seu objetivo último é ajudar o crente a descobrir o caminho concreto para realizar o projeto de vida ao qual Deus o chama. Por isso, disse o Papa Francisco que *o serviço vocacional tem de ser visto como a alma de toda a evangelização e de toda a pastoral da Igreja e, pelo mesmo, a pastoral vocacional não pode ser reduzida a atividades fechadas em si mesmas* (Papa Francisco, *Mensagem aos participantes no Congresso Internacional: “Pastoral vocacional e vida consagrada”* 2017).

São João Paulo II afirmou que *a juventude alcança sua verdadeira riqueza quando vivida principalmente como tempo de reflexão vocacional* (cf. Juan Pablo II, *Mensagem para a XXXII Jornada Mundial de oração pelas vocações*, 1994). A pastoral juvenil, portanto, deve ser proposta uma e outra vez, com muita criatividade, como ajuda aos jovens a que reconheçam e abracem aquele projeto de vida que lhes proporcione a verdadeira felicidade. Todo jovem tem que experimentar um encontro real com Cristo, a fim de que lhe seja revelado o sentido pleno de sua vida e que lhe encha o coração de satisfação. Da mesma forma, a pastoral juvenil necessita acompanhar a caminhada dos jovens para que descubram que a autêntica alegria está na experiência da doação da própria vida.

Por sua vez, a pastoral vocacional necessita estar lado a lado, colaborando com a pastoral juvenil na orientação dos jovens para enxergarem suas vidas com o olhar de Deus Pai, que os ama e os anseia felizes. Pastoral juvenil e pas-

total vocacional, como uma sinfonia a duas vozes, têm de prestar um serviço delicado e paciente para que os jovens descubram qual é a vocação que o Senhor lhes reservou, de modo que o sonho de Deus Pai seja neles uma realidade. De igual modo, a pastoral vocacional tem de propor um itinerário de discipulado que leve ao jovem a abraçar, com todas as forças de seu coração, aquele caminho que Cristo lhe descobre para viver a plenitude do amor.

4. Um Plano de pastoral vocacional renovado

A pastoral de animação das vocações concerne, hoje em dia, em primeiro lugar, com a tarefa de criar e difundir a “cultura vocacional” (arar). Em segundo lugar, refere-se, e muito, com sair e semear um encontro vivo e afetivo com Cristo, para despertar e suscitar as vocações na Igreja e para a Igreja (semeiar). E, em terceiro lugar, a missão da animação das vocações compreende a ação pastoral de acolher e acompanhar o caminho personalíssimo dos discípulos jovens ante o discernimento e a decisão vocacional (cultivar). Estas são as três ações pastorais que dão origem às três partes deste *Plano de animação vocacional*.

Por outro lado, o Sínodo sobre *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* de 2018, empregou uma metodologia retomada neste *Plano de animação vocacional*; aí falou-se de três ações pedagógicas: *reconhecer, interpretar e eleger*. Esta metodologia emprega-se do seguinte modo: com o verbo “reconhecer” integra-se a parte da análise da realidade a respeito de nosso mundo, de nossa Igreja e dos jovens. A ela se acrescenta alguns dados próprios da situação atual da Ordem. A partir do verbo “interpretar”, se apresentará o marco teórico básico da teologia da vocação cristã e das vocações específicas. Com o verbo “eleger” engloba-se, por um lado, a mudança radical experimentada pelo discípulo missionário a partir do encontro vivo com Cristo e sua Palavra e, por outro, as consequências concretas que esta relação de amizade tem para o caminho da vida cristã.

Neste *Plano de animação* acrescentam-se também os verbos *sair e servir*, que não fazem parte da metodologia do sínodo sobre os jovens. Com o verbo “sair” pretende-se assinalar o processo de se tornar totalmente uma pessoa além de si mesma, em Cristo. E a partir do verbo “servir” aponta-se, por um lado, esse aspecto essencial que configura fortemente o sentido da vocação cristã e as vocações específicas, e, por outro lado, se assinalam as tarefas concretas de toda a comunidade na pastoral vocacional.

Da mesma forma, com a intenção de dar a este *Plano de Animação* uma marca agostiniano-recoleta, ter-se-á como fio condutor *o caminho da interioridade agostiniana*. Neste caso, se recorre ao processo da interioridade agostiniana tal como Santo Agostinho o refere em sua obra *Sobre a verdadeira*

religião. Estamos nos referindo ao seu conhecido pensamento “não saias de ti, mas retorna para dentro de ti mesmo, pois a Verdade habita no interior do homem; e se não encontras senão a tua natureza sujeita a mudanças, vai-te além de ti mesmo” (Vera Relig. XXXIX, 72.). Os diferentes elementos desta sua frase são os que permitirão propor a pastoral de animação das vocações como uma viagem ao centro da vida, ao profundo do coração; ao coração do homem, mas também ao de Deus.

Por último, é preciso indicar que o *Documento de Aparecida*, da V Conferência do Episcopado Latino-americano (Aparecida, 2007), trata do itinerário do discípulo missionário nestes termos: encontro com Cristo, conversão do coração, o discipulado, a comunhão e a missão. Nosso Plano recolhe este itinerário e o propõe como um caminho provado para o discernimento vocacional. Além disso, cada uma das etapas do caminho do discipulado é acompanhada dos verbos vocacionais que propõe a pedagogia do documento *Novas vocações para uma nova Europa* (1997): acompanhar, educar, formar e discernir. Deste modo, nosso itinerário fica assim: acompanhar a conversão, educar o discípulo missionário, formar para a comunhão e discernir a missão.



Parte I

arar

PRIMEIRA PARTE

Arar

“Quem tem ouvidos, ouça”

(Mt 13,9)

E Nos evangelhos sinóticos recolhe-se a bela parábola do semeador (Mt 13, 1-23; cf. Mc 4,1-12; Lc 8,4-10). Há um detalhe nesta parábola que pode nos passar despercebido, e é quando Jesus diz: *Quem tiver ouvidos, ouça!* (Mt 13,9). Em princípio, a parábola realça a ação do semeador e a condição do terreno onde se lança a semente para, no final, fazer constar que os frutos são recolhidos em terra boa. Poderia objetar-se a Jesus por que espalhar a semente onde o terreno não está em condições de dar bons frutos. Não seria melhor primeiro preparar o terreno e depois semear a semente?

O maravilhoso da parábola evangélica está, precisamente, em que, para chegar a ser terra fértil, é imprescindível preparar o terreno. Ainda que os evangelhos sinóticos manifestem a super abundância de Deus em Jesus que desperdiça o grão, no fundo é uma provocação direta aos ouvintes para que revisem o tipo de terreno que cada um é e se questionem quanto à fecundidade de sua vida cristã. O mais provável é que quem escute a parábola com atenção e interesse, descubra que, em seu terreno ou coração, há um trabalho pendente por fazer dar frutos como Jesus quer. Aqui está a chave do arar nesta parábola: *Quem tem ouvidos, ouça!*

Jesus presenteia-nos, em sua Palavra, com a promessa de vida nova; mas para que seja realidade depende também da atitude com que se recebe essa palavra: *o semeado em terra fértil é o que escuta a palavra e a entende. Esse dá fruto: cem ou sessenta ou trinta* (Mt 13,23). Há, pois, uma relação muito estreita entre preparar a terra do próprio coração e escutar e entender a Palavra, de maneira que dê frutos de vida nova. Portanto, o sentido do verbo “arar” ou “preparar o coração” tem muito que ver com criar as condições que possibilitem atender e escutar a Deus. Neste *Plano de animação vocacional* assimila-se o “arar” com o empenho de criar a “cultura vocacional”.

Que é a cultura vocacional? A partir da década de oitenta do século passado já se vem falando de criar uma “cultura vocacional”. São João Paulo II, no limiar do século XXI, vislumbrou a importância de recuperar algumas raízes do Evangelho que estavam sendo deixando de lado e que são imprescindíveis para viver a vocação cristã. Chamou-as “atitudes vocacionais de fundo”.

Entre outras, propôs as seguintes: a vivência da gratidão, a abertura ao transcendente, a disponibilidade, a confiança em si mesmo e no próximo, o afeto, o entendimento, o perdão, a responsabilidade, a capacidade de sonhar, o assombro e a generosidade (cf. João Paulo II, *Mensagem da XXX Jornada mundial de oração pelas vocações*, 2 -1992).

No Sínodo dos bispos sobre os jovens falou-se da “cultura vocacional”. Foi dito que compreender a existência humana em termos vocacionais leva a realçar alguns elementos que são importantíssimos para o crescimento de toda pessoa. Advertiu-se da urgência de erradicar a ideia de que a pessoa é determinada pelo destino ou pelo acaso, e a crença de que a vocação é um assunto privado que deve ser gerido por conta própria. Ambas visões deixam o jovem confinado a um destino “sem vocação”. Daí que seja importante criar as condições para que em todas as comunidades cristãs, a partir da consciência batismal de seus membros, se desenvolva uma verdadeira *cultura vocacional* e um compromisso constante de oração pelas vocações (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, n. 80).

O Papa Francisco, a raiz do Sínodo sobre *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, recordou a toda a Igreja e aos jovens a importância de ter raízes. No entanto, fez questão de dizer que as raízes *não são âncoras que nos amarram a outras épocas e nos impedem de nos encarnar no mundo atual para fazer nascer algo novo. São, pelo contrário, um ponto de enraizamento que nos permite desenvolver-nos e responder aos novos desafios*. Neste sentido, recorda que *de nada serve ficarmos sentados lamentando os tempos que se foram; temos de assumir com realismo e amor nossa cultura e enchê-la de Evangelho* (Papa Francisco, *Christus Vivit*, n. 200).

Precisamente, a tarefa da pastoral de animação das vocações tem muito que ver com reconhecer e conhecer a fundo a realidade de nossa cultura, e amá-la com suas possibilidades e riscos, com suas alegrias e dores, com suas riquezas e seus limites, com seus acertos e seus erros (cf. Francisco, *Christus vivit*, n. 200), e encher da alegria do Evangelho. Portanto, o melhor serviço que pode prestar a animação das vocações às comunidades cristãs é ensinar a abraçar as culturas nas que está presente a Igreja e possibilitar nelas o Evangelho. Neste sentido, a animação vocacional é uma dimensão transversal da evangelização.

Evangelização e vocação são dois elementos inseparáveis do itinerário do discípulo missionário. E mais, o critério de autenticidade de uma boa evangelização é a capacidade de suscitar vocações e de maturar projetos de vida cristã, até fazer deles discípulos, missionários, testemunhas e apóstolos do Evangelho. Existe hoje, quiçá como em nenhuma outra época, o desafio de fazer com que a pastoral eclesial seja realmente vocacional, promovendo

uma “cultura vocacional”, isto é, um modo de conceber e de afrontar a vida como dom recebido gratuitamente de Deus para um projeto ou uma missão, segundo seu plano de amor.

Criar, pois, a “cultura vocacional” é a primeira tarefa da animação das vocações. No horizonte da sementeira paciente, típica deste Projeto de Animação Vocacional, ela se enquadrou como ação pastoral, a partir do verbo “arar”. O trabalho do agricultor parte do esforço árduo de preparar a terra para a sementeira. No caso da animação das vocações, a ação de arar compreende a uma intervenção pastoral que procura preparar a terra interior do ser humano, isto é, o coração. Sem esta ajuda humilde que possibilita abrir por dentro o coração, dificilmente se põe as condições que permitam escutar àquele que tem em seu coração um sonho de vida boa para cada um de seus filhos.

A modo de autoexame pode-se reconhecer que a “cultura vocacional” vai sendo uma realidade nas comunidades cristãs, quando se advertem os seguintes sinais:

- Quando a animação vocacional deixa de ser uma atividade pastoral exclusiva para promover a vida religiosa ou sacerdotal;
- Quando os discípulos missionários vivem com alegria e de forma estável sua vocação específica na comunidade cristã;
- Quando se constata que os leigos se envolvem na animação vocacional, principalmente através das equipes vocacionais;
- Quando as comunidades cristãs evocam o tema vocacional como ação pastoral permanente;
- Quando os grupos e movimentos juvenis vivem processos que desembocam em projetos de vida cristã.

1

Reconhecer

O verbo “reconhecer” é o primeiro verbo empregado na metodologia do Sínodo sobre os jovens, e que engloba o conteúdo da primeira parte do *Documento final*. A Assembleia sinodal, baseando-se no episódio dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35), concentra-se, em primeiro lugar, na expressão, *Ele caminhou com eles* (Lc 24,15). A partir deste versículo bíblico, os participantes do Sínodo procuraram lançar luz sobre aquilo que reconheceram como elemento da realidade dos jovens, do contexto no qual se inserem, de suas alegrias e esperanças, sobretudo de suas fortalezas e desafios. Na primeira parte deste *Plano de animação das vocações* realiza-se o mesmo exercício.

Por sua vez, Santo Agostinho explica o processo da interioridade como a ajuda que Deus mesmo presta ao ser humano para voltar-se para si mesmo, para empreender a viagem ao profundo do coração (cf. *Confissões* IX,1,1). Sem a ajuda de Deus o ser humano fica confinado na dispersão, na superficialidade, na banalidade. Daí que o *não queiras ir para fora de ti mesmo*, é o brilho da misericórdia de Deus que dissipa a cegueira, e que cura o olhar míope, frio e reduzido que às vezes temos sobre a realidade. Por conseguinte, na hora de aproximar-nos da realidade do mundo, da Igreja, da Ordem e dos jovens, somos convidados a ter um olhar atento, delicado, profundo e, sobretudo, amável.

Se a pastoral vocacional quer ter os pés sobre a terra, quem anima as vocações não pode desentender-se do contexto, como também não deve pretender racionalizar todos os elementos que influem na decisão vocacional, já que esta se encontra sempre imersa no mistério. Por conseguinte, sem a pretensão de esgotar uma aproximação à realidade do mundo, da Igreja, da Ordem e dos jovens, propõem-se umas notas relevantes e descritivas das mesmas. E mais que um simples exercício de análise da realidade, para o qual existem instrumentos mais adequados, se trata de propiciar um olhar de fé -um olhar amável- a respeito da mesma.

1.1. Um olhar à realidade do mundo

a) Globalização, mundo plural e secularismo

Algumas disciplinas científicas, como a filosofia ou a sociologia, oferecem uma informação digna de se ter em conta na hora de buscar um conhecimento profundo a respeito da realidade. Devemos a estas disciplinas conceitos-chaves como “globalização”, “mundo plural” e “secularismo”, e que definem características bem acentuadas de nosso estilo de vida na sociedade. Assim, falar de globalização é constatar que atualmente, pela hiper conectividade que possibilita a comunicação digital, a mesma mobilidade da população, o uso de linguagens comuns, etc., a humanidade toda vive em uma espécie de “aldeia global”; todos interagindo com todos, compartilhando com todos e trocando ideias, informação, conhecimentos, etc.

No entanto, o mesmo Sínodo dos bispos sobre *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* apontou que, juntamente a este mundo globalizado, coexiste um mundo diverso e plural. Na experiência do Sínodo, os bispos constataram que, apesar de um contexto de crescente globalização, existem muitas e relevantes diferenças entre contextos e culturas, inclusive dentro de um mesmo país. E, referindo aos jovens, indicaram que há uma pluralidade de mundos juvenis; tanto que, em alguns países, em lugar de falar de jovens, se prefere usar o termo “juventudes” no plural (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, n.10).

O secularismo como conceito de análise da realidade, sobretudo no âmbito das ideias, da política e da economia, realça a completa autonomia das realidades temporárias com respeito ao religioso. No fundo, o secularismo, como corrente de pensamento, com uma infinidade de estratégias, tem incitado a expulsar a Deus do âmbito público e a confiná-lo ao espaço da consciência privada. Para muitos crentes esta corrente de pensamento está sendo uma autêntica tragédia, mas para outros, um verdadeiro campo de oportunidade para a evangelização. Possivelmente, o processo de secularização contribui, negativamente, para a receptividade religiosa, mas é verdadeiro também que esclarece a beleza do dom da fé e a convicção pessoal do aceitar ou não.

b) Constantes mudanças

No final da década dos anos noventa do século XX falava-se muito de uma “época de grandes mudanças”, rápidos e vertiginosos, que mal dava tempo para serem assimiladas e compreendidas suas consequências na vida de cada dia. No entanto, no princípio do presente século, já se deixou de falar de uma época de mudanças, para falar de algo mais profundo e radical, de

uma “mudança de época”; algo inédito na consciência da história da humanidade, principalmente pelos avanços da ciência, da técnica e da era digital. Contudo, alguns sociólogos falam tanto de uma mudança de época como de constantes mudanças, inclusive dentro desta nova época. Neste sentido, se torna um autêntico desafio para a Igreja e para os agentes de animação vocacional, compreender estas implicações, tanto para a práxis pastoral, como para o acompanhamento.

c) A diferença é riqueza

Além de somar-se a uma reivindicação ideológica sobre a mulher, a Igreja, em geral, e as comunidades cristãs em particular, estão dando passos gigantescos para reconhecer, integrar e empoderar as mulheres, discípulas missionárias. O gênio, isto é, o jeito de ser feminino está encontrando cada vez mais canais de expressão e de incidência nas decisões das comunidades cristãs. No Sínodo dos bispos sobre *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* recordou-se que, na tarefa da evangelização e, portanto, no serviço da animação das vocações, não se deve esquecer as diferenças entre homem e mulher, com seus dons peculiares, sua sensibilidade específica e a experiência que tem de Cristo e do mundo (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, n. 13).

d) As migrações

No Sínodo sobre *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, falou-se das migrações e assinalou-se que os migrantes são um paradigma do nosso tempo (cf. *Documento conclusivo do sínodo sobre os jovens*, n. 25). As migrações representam um fenômeno estrutural em todo mundo e não unicamente uma emergência transitória. De fato, a migração pode ter lugar dentro do mesmo país ou entre diferentes países pelas mais variadas circunstâncias. Não obstante, o fenômeno migratório, que é uma realidade preocupante para a Igreja naquelas partes do mundo nas quais desencadeia a guerra, a pobreza, o exílio ou os desastres naturais, e expõe pessoas, incluindo crianças e jovens, ao abuso, ao tráfico, à violência e exploração.

Esta realidade mundial abrirá novos desafios para a pastoral de animação das vocações. Muitos, talvez, podem ver este fenômeno com receio e suspeita, mas não há dúvida que será um campo de novas oportunidades, que exigirá abertura de mente e de coração e, fundamentalmente, capacidade de discernimento e de acompanhamento vocacional. Tal e como se indicou no Sínodo dos jovens, os imigrantes são, para as comunidades cristãs e para as sociedades às que chegam, uma oportunidade para o enriquecimento e o desenvolvimento humano integral. Neste sentido, toda iniciativa de boas-

-vindas e de acolhida será importantíssima (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, n. 27).

e) A busca religiosa

Em muitas partes do mundo, sobretudo de antiga tradição cristã, apesar dos ventos contrários às práticas religiosas, estão brotando novas manifestações de busca religiosa. Esta busca religiosa está fortemente motivada pela sede de sentido para a própria vida, de um anseio profundo de paz interior, de desejo de conexão com a natureza, etc. Ao avivar-se este interesse pelo mundo religioso, muitas pessoas, dentre as quais prevalecem os jovens, inicia-se uma busca através dos mais diversos caminhos de espiritualidade. As comunidades cristãs hão de ver nesta sede do absoluto um enorme potencial para levar as novas gerações ao encontro com Cristo e lhes fazer a proposta vocacional (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, 49).

1.2. Um olhar sobre a Igreja

a) A família

A Igreja é a família das famílias, a casa de todos os discípulos missionários de Jesus Cristo. Existe uma grande preocupação na Igreja de acompanhar as famílias cristãs e de apoiar na realização de sua vocação e missão como igrejas domésticas. Dois sínodos celebrados, em 2016 e 2017, lançaram muita luz sobre a vivência do amor cristão na família. Por sua vez, o Papa Francisco escreveu a exortação apostólica *Amoris Laetitia*, a alegria do amor, para sublinhar que a família, como Igreja doméstica que é, tem a tarefa de viver a alegria do Evangelho na vida quotidiana. Aos pais de família pede-lhes estar abertos à dimensão vocacional e missionária da vida cristã, e inculcá-la também em seus filhos.

Por sua vez, o Sínodo dos jovens sublinhou que as famílias têm um papel primordial na educação cristã dos filhos e um apoio insubstituível na orientação das decisões importantes da vida. No entanto, também fez constar que as famílias nem sempre educam seus filhos para olhar para o futuro em uma perspectiva vocacional. Às vezes, a busca de prestígio social ou sucesso pessoal, a ambição dos pais ou a tendência a condicionar as opções dos filhos, invadem o espaço de discernimento e condicionam suas decisões. Neste sentido, falou-se da necessidade de ajudar as famílias a assumir mais claramente uma concepção da vida como vocação e acompanhar os filhos a responder ao chamado divino (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, n. 72).

b) As paróquias

Embora a Paróquia ainda seja a primeira e principal forma de ser e viver a Igreja, o Sínodo sobre os jovens assinalou várias vozes como esta luta por ser um lugar relevante para os jovens e como é necessário repensar sua dimensão missionária. A escassa importância da paróquia nos espaços urbanos, a falta de dinamismo de suas propostas, junto com as mudanças espaços-temporais nos estilos de vida em sociedade, exige uma renovação profunda da mesma. Inclusive, assinala-se que, embora seja verdade que existem várias tentativas de inovação a este respeito, com frequência o rio da vida juvenil flui nas margens da comunidade paroquial, sem sequer alcançá-lo (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, n. 18).

c) Iniciação à vida cristã

A propósito da iniciação cristã, não há dúvida de que os dois âmbitos privilegiados e insubstituíveis nesta tarefa são a Família e a Paróquia; em alguns casos a Escola também o é. A proposta do Sínodo sobre os jovens é que as famílias não deleguem totalmente à paróquia o caminho catequético dos filhos. Neste sentido, a instrução da fé na paróquia tem que estar acompanhada e respaldada por um estilo concreto e expressivo da vida cristã em família. Portanto, a paróquia precisa da família para que os filhos experimentem o realismo quotidiano da fé. E a família precisa da paróquia para conseguir que as crianças e jovens tenham uma compreensão e uma manifestação mais orgânicas da fé cristã, para que sejam introduzidos na vida da comunidade e se lhes descortine os amplos horizontes da vida em Cristo (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, n. 128).

d) O papel profético da Igreja

“A Igreja, mistério de comunhão, está constituída de ministros ordenados, religiosos e leigos. Nela, todos somos chamados à santidade de vida e temos a responsabilidade e a missão de fazer com que o Senhor seja conhecido. Os Agostinianos Recoletos somos Igreja; temos o mesmo sentir da Igreja e estamos a seu serviço. Nossas comunidades, unidas ao Papa e a seus respectivos bispos, querem manifestar a comunhão da mesma Igreja. Não podemos ignorar que os escândalos, a infidelidade, os pecados e a apatia dos pastores e das pessoas consagradas têm especial repercussão na vida de fé do Povo de Deus” (*Prot. CG 187/2018*).

O Sínodo sobre *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* foi corajoso em ventilar uma realidade presente também na Igreja: “*Ha tido diferentes tipos de abusos realizados por alguns bispos, sacerdotes, religiosos e leigos*” (*Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, n. 29). Pede-se perdão por participar

neste mal, mas, sobretudo a Igreja situa-se ao lado da parte mais frágil, das vítimas, dentre as quais há também muitos jovens. E assume, como jamais tinha feito, um compromisso decidido de adoção de medidas estritas para a prevenção de qualquer tipo de abuso de poder (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, nn. 28-31). Face ao serviço da animação das vocações, não se têm de poupar nem forças, nem recursos, nem formação para criar ambientes seguros onde se viva o despertar vocacional e se acompanhe a decisão vocacional específica com respeito.

e) Gestão administrativo-burocrática

Já está sendo uma constante em muitos âmbitos de reflexão sobre a figura do pastor, algo como uma reivindicação por parte do povo cristão e, de forma especial, por parte dos jovens, quanto ao tempo de qualidade de que dispõem para o serviço do acompanhamento. De forma especial, no Sínodo sobre os jovens falou-se de que o ônus das tarefas administrativas absorve de maneira excessiva e, às vezes, asfixiante as energias de muitos pastores. Esta é uma das razões que dificultam o encontro com os jovens e seu acompanhamento. De fato, para evidenciar ainda mais a prioridade dos compromissos pastorais e espirituais, no Sínodo fez-se questão da necessidade de repensar as formas concretas de exercer o ministério do acompanhamento (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, n. 17).

1.3. Um olhar na Ordem

a) Criadores de comunhão

A partir do Capítulo Geral de 2016, na Ordem dos Agostinianos Recoletos se elaborou um Projeto de Vida e Missão onde o objetivo prioritário foi: *ser criadores de comunhão*. Espera-se que este fator de inspiração gere um novo impulso de comunhão dentro das comunidades religiosas, e um maior compromisso na missão evangelizadora que a Igreja encomendou à Ordem nos diferentes países onde esta se encontra presente. No *Discurso* do Papa Francisco aos participantes do 55º Capítulo Geral dos Agostinianos Recoletos (20 de outubro de 2016), além de convidá-los a ser *criadores de comunhão*, o Papa alentou-os a ser *testemunhas de comunidades vivas e abertas*.

Em um mundo lacerado pelas lutas de poder, pela divisão, inveja e pelos ciúmes, uma comunidade onde se vive a vida fraterna com alegria, é um sinal luminoso do Evangelho. Para a animação das vocações será importantíssima compartilhar o estilo de vida que vivemos nas comunidades com quem almeja remanso de encontro, de amizade e de amor. Neste sentido, a proposta de Santo Agostinho - *Em primeiro lugar, pois foi para este fim que vocês se con-*

gregaram em comunidade, tenham uma só alma e um só coração orientados para Deus (Regra 1,2) - é a vida cristã que oferecemos a quem chama em nossas portas por desejarem viver sua fé com outros irmãos.

b) Mestre de interioridade

Uma das notas características da espiritualidade agostiniana é a interioridade. Em termos gerais, a interioridade é o processo pelo qual uma pessoa foge da dispersão, se recolhe em si mesma e faz uma viagem ao profundo do coração, onde habita Deus. Ali, no coração, a pessoa encontra-se com Cristo e, deste encontro com Cristo, sai de si mesma para difundir o amor com que se experimenta profundamente amada. Nós, os Agostinianos Recoletos, temos feito a experiência deste caminho e tratamos de cultivá-lo como estilo de vida. Além do mais, acompanhamos o caminho daqueles cristãos que se sentem chamados a descobrir a verdade de Cristo em suas vidas a partir desta apaixonada viagem ao centro da vida: o coração habitado por Deus.

c) Disponibilidade para a evangelização

Outra peculiaridade dos membros da Família Agostiniano-Recoleta é a disponibilidade, recolhida na tradição oral com a expressão “vamos onde a Igreja nos necessita”. De fato, a presença de comunidades agostiniano-recoletas em vinte e um países é a melhor carta de apresentação de uma família religiosa que está disposta a ir ali onde as Igrejas locais pedem nossa presença e nosso compromisso na evangelização. De igual forma, a variedade de ministérios e serviços concretos que se prestam na Igreja – missões *ad gentes*, paróquias, colégios, obras sociais, centros de espiritualidade, etc.– são expressão viva desta disponibilidade e vitalidade.

d) Profetas do Reino

Santo Agostinho, no momento de apresentar a missão própria do gênero de vida monástica cultivado por que ele, disse: *Somos servos da Igreja do Senhor, especialmente de seus membros mais fracos, seja qual for nossa condição entre os membros deste corpo (De op. monach. 29,37)*. Deste ponto de vista, a missão adquire seu sentido pleno diante dos rostos concretos de pobreza e sofrimento nos quais Cristo está presente e nos pede caridade e exercer a misericórdia (Mt 25,31-46). Quando os carismas próprios das diversas formas de vida consagrada perdem sua capacidade profética, estas desaparecem por deixar de ser significativas para o mundo. Trata-se, pois, de amar com o amor de Deus aos pobres, de amar a Deus nos pobres, de amá-los a partir da própria pobreza com a riqueza de Deus.

e) Compromisso com a educação

A Ordem dos Agostinianos Recoletos está fazendo uma opção decidida e assumindo um grande compromisso pelas crianças, adolescentes e jovens, através dos diferentes centros educativos, que vão desde a educação pré-escolar, básica, profissional, até a universitária. A educação é um dos apostolados nos quais a Ordem investe cada vez mais pessoas e recursos, pois se apresenta na atualidade como uma das melhores plataformas evangelizadoras. Além disto, chegou a desenvolver e compartilhar entre os diferentes centros educativos uma pedagogia agostiniana própria, que educa a mente e o coração em valores, e, inspirados em santo Agostinho, acompanha a trajetória da maturidade vocacional.

1.4. Um olhar sobre os jovens

a) Ser jovem hoje

Nos dias atuais conta-se com diferentes análises sociológicas, psicológicas e antropológicas a respeito dos jovens, realizados por pessoas muito competentes. Não obstante, qualquer análise detalhada sobre a realidade da juventude fica aquém na hora de aproximar-se de jovens reais que encontramos pelo caminho e que vão às nossas igrejas, colégios, grupos juvenis, etc. No empenho de criar a “cultura vocacional”, é preciso dizer que mais do que conhecimentos teóricos sobre a juventude, é preciso aprender a lidar com os jovens. O que faz a diferença entre “saber sobre os jovens” e “saber de jovens”, é o tempo de qualidade que se emprega para escutá-los e compartilhar com eles.

No Sínodo sobre os jovens comentou-se que as gerações mais jovens são portadoras de uma aproximação à realidade com rasgos específicos. Entre os rasgos específicos mais evidentes da cultura dos jovens destacaram-se: a preferência dada à imagem em relação com outras linguagens comunicativas, a importância das sensações e as emoções como uma forma de acercar à realidade, e a prioridade de concreção e ação com respeito à análise teórica. As relações de amizade e pertença a grupos de pares, cultivadas através das redes sociais, são de grande importância para eles. Os jovens geralmente estão abertos à diversidade, o que os faz atentos aos temas da paz, a inclusão e o diálogo entre culturas e religiões. (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, n. 45).

b) Muitas juventudes

O Papa Francisco, na exortação apostólica pós-sinodal *Christus vivit*, apontou que se podem enumerar as características dos jovens de hoje, mas, antes

de qualquer coisa, manifestou uma constatação especial do Sínodo: a beleza de ser Igreja Católica refletida no rosto dos jovens. Portanto, a realidade do contexto e a peculiaridade do momento histórico, do lugar e de cada comunidade cristã faz o jovem ser distinto em cada lugar e época. Por conseguinte, ao existir uma pluralidade de mundos juvenis, mais que falar de “juventude”, se fala de “juventudes” (cf. Papa Francisco, *Christus Vivit*, nn. 68-70). Este é um elemento que exige da pastoral de animação vocacional muita atenção, para renovar os métodos no acompanhamento vocacional.

c) Ambiente digital

O Papa Bento XVI apontou que *o meio digital não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas parte importante da realidade diária de muitas pessoas, especialmente dos mais jovens* (Bento XVI, *Mensagem para a XLVII Jornada Mundial das Comunicações*, 2011). Neste sentido, já se denomina nossa época de era digital. Já não se trata apenas de “usar” umas ferramentas de comunicação, mas de viver em uma cultura amplamente digitalizada que recebe um impacto muito profundo na noção de tempo e espaço, na percepção de si mesmo, dos demais e do mundo, na forma de se comunicar, de aprender, de obter informação, de entrar em relação com os demais. (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, n. 21).

O Sínodo sobre os jovens apontou que a era digital representa uma infinidade de oportunidades; dentre outras: representa uma extraordinária oportunidade para o diálogo, o encontro e o intercâmbio entre pessoas, bem como o acesso à informação e ao conhecimento. Pode chegar a ser um canal de participação na vida pública e na evangelização. No entanto, o meio digital também é um território de solidão, manipulação, exploração, engano; pode gerar dependências, isolamento, perda de contato com a realidade concreta e relações superficiais. Além disto, está propiciando novas formas de violência, como o ciber-assédio, e está sendo também um canal de difusão da pornografia, que favorece a exploração sexual (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, nn. 22-24).

d) Corpo e afetividade

A sexualidade é uma energia vital que atravessa de acima abaixo a todo ser humano. É um motor que o empurra para além de si mesmo e o obriga a estabelecer laços com os outros e com o mundo. Ao modo característico do ser humano de viver a sexualidade se denomina afetividade. A afetividade é, pois, o modo humano de viver criativamente a capacidade sexual e de orientar para o amor. A matéria prima da afetividade são tanto as necessidades e os desejos, como o modo no qual estes dois constituintes vão encontrando

canal de solução. E o corpo é o âmbito por excelência de expressão da afetividade; por esta razão é tão importante a ternura.

As novas gerações atribuem ao corpo e à sexualidade uma importância essencial para suas vidas, e consideram que, no caminho do desenvolvimento de sua identidade, são essenciais para viver a amizade e o amor (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, n. 37). De fato, a resposta vocacional compromete a fundo a capacidade de amar. No entanto, o estilo de vida da sociedade atual expõe às novas gerações, em muitos casos, a experiências negativas no campo da sexualidade: abusos, promiscuidade, turismo sexual, pornografia, etc.

Ditas experiências negativas podem chegar a lesionar o crescimento e desenvolvimento sereno e maduro da afetividade e a capacidade de amar da pessoa. Neste sentido, o acompanhamento para o discernimento vocacional tem o encargo de propor com serenidade, a partir de um entendimento integral e positivo da sexualidade e efetividade, da capacidade de viver essas realidades como âmbitos de expressão do amor nas vocações específicas. E, em caso de dificuldades reais e sérias que comprometam o discernimento, é conveniente recomendar uma ajuda terapêutica enquanto o processo estiver em andamento.

e) Arte, música e esporte

O que São João Paulo II indicou, referindo-se a buscar aquelas atitudes vocacionais de fundo que tornam possível uma resposta vocacional (cf. João Paulo II, *Mensagem da XXX Jornada mundial de oração pelas vocações*, 2-1992-), o Sínodo as vê realizadas em três áreas importantes na vida dos jovens: na arte, na música e no esporte. Por conseguinte, reconhece e valoriza a importância que os jovens dão à expressão artística em todas suas formas. Assinala-se também que a música representa o meio real no qual os jovens estão constantemente imersos, bem como uma cultura e uma linguagem capazes de agitar suas emoções e modelar sua própria identidade. E no esporte são colocados em prática alguns valores que dão importância à vida humana, como o esforço, o sacrifício, a abnegação, o trabalho em equipe, o respeito, a cavalheirismo, a lealdade, a honradez, etc. (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, n. 47).

Interpretar

O verbo “interpretar” foi o segundo empregado na metodologia do Síodo sobre os jovens. A Assembleia sinodal, baseando-se uma vez mais no episódio dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35), assumiu a expressão *seus olhos se abriam* (Lc 24,31), para oferecer desde essa iluminação, algumas interpretações sobre o sentido da vida humana e cristã dos discípulos missionários. Nesta mesma linha, este *Plano para a pastoral de animação vocacional* oferece um marco teórico básico a respeito da teologia da vocação, no qual seja viável interpretar o sentido da vida humana, da vida cristã e das vocações específicas na Igreja.

Para santo Agostinho, o processo da interioridade tem muito que ver com o caminho pessoal de voltar ao próprio coração e de entrar *no interior*. A segunda parte da expressão agostiniana (“entra em teu interior”) possibilita-nos o seguinte momento deste *Plano de animação*. Entrar no interior ajuda a pessoa a ter um horizonte amplo donde interpretar o sentido de sua vida, pois aí está a Verdade. A medida deste horizonte não é uma medida humana, limitada, ideológica e parcial; mas é a largura, o comprimento, a altura e a profundidade imensa e maravilhosa da humanidade de Cristo. Só Cristo lança luz sobre todo o sentido da vida humana e cristã (cf. *Gaudium et spes*, 22).

2.1. Vocação

O termo “vocação” tem muitos significados dependendo do contexto em que se use. Porventura, o mais comum, fora dos ambientes cristãos, é quando se emprega para designar uma forma de realização da pessoa, sobretudo no âmbito profissional. Para os cristãos têm muitíssimos outros sentidos. Assim, por exemplo, se fala de vocação cristã como aquela condição de vida compartilhada por todos os batizados. O termo também se aplica às diferentes formas de vida cristã ou “vocações específicas”. Inclusive fala-se de “vocação” para designar a intervenção de Deus que chama a algo específico. Em todos os casos está bem empregado. Daí que seja conveniente educar o Povo de Deus no entendimento da riqueza de matizes que a palavra encerra.

2.2. A vocação fundamental à vida

A primeira palavra que Deus pronunciou sobre o ser humano foi um chamado à vida: “*E disse Deus: façamos ao homem a nossa imagem e semelhança*” (Gn 1,26). A existência de cada pessoa é fruto do amor criador do Pai, de sua vontade eficiente, de sua palavra criadora. O ato criador do Pai tem a dinâmica de um convite, de um chamado à vida. O homem vem à vida porque é amado, pensado e querido por uma Vontade boa que o preferiu à não existência, que o amou antes que fosse; conhecido antes de ser formado no seio materno, consagrado antes que viesse à luz (cf. Jer 1, 5; Is 49, 1-5; Gal 1, 15). A vocação, portanto, é o que explica, a partir da raiz, o mistério da vida humana, e ela mesma é mistério de predileção e gratuidade absoluta. [...] A vida é a obra mestra do amor criador de Deus e é, em si mesmo, um chamado a amar (cf. Pontifícia Obras para Vocações Eclesiásticas. *Novas vocações para uma nova Europa*, n.16, Roma, 5-10/05/1997).

No princípio da vida humana não está nem a casualidade, nem a contingência, nem a casualidade, mas a presença de um Deus que pensa e nós e nos ama. E porque Deus pensa em nós e nos ama, existimos. E é seu amor que nos mantém na existência, já que *nele vivemos, nos movemos e existimos* (At 17,28). A existência de cada pessoa por si só nos remete a um sentido que vai além de si mesma. A vida tem um valor sagrado e encontra seu sentido pleno quando compreendida como um dom de Deus. E por ser um dom, implica também responsabilidade de empregar o dom em algo digno e belo. Neste sentido, a vocação refere-se sempre a uma experiência que compromete positivamente a pessoa por inteira e que a põe em jogo adiante de Deus e de seu amor.

A vida é um bem dado por Deus, que, a partir da lógica do dom, tem de entrar na dinâmica própria do dom de Deus: o que gratuitamente é recebido deve ser gratuitamente doado (cf. Mt 10, 7-15). Só quando a vida humana é entendida como um dom se agradece profundamente (“Obrigado, Senhor, pela vida!”). Só então se põe em jogo a vida para partilhá-la com os demais, para se doar, para se entregar aos demais. Este é o sentido fundamental da vida que, possivelmente, tende a se esquecer ou a esconder em nossa cultura atual. A animação vocacional ajuda a recuperar a certeza de fé de que *a pessoa chega a ser ela mesma e plenamente responsável por sua vida quando se torna capaz de entregá-la em favor dos demais* (Irmandade de sacerdotes operários diocesanos, *Subsídio para o curso básico de pastoral vocacional na Diocese de Querétaro*, 2019, p.47).

A pastoral de animação das vocações apresenta plenamente realizada na lógica do dom de Deus em Jesus Cristo, que deu a vida para que nele tivéssemos vida e a tivéssemos em abundância (Jo 10,10). *Vocês já conhecem o*

sucedido por toda Judeia, começando por Galileia, a partir do batismo pregado por João, como Deus ungiu Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder: Deus estava com ele, por isto ele passou fazendo o bem e curando os possuídos pelo diabo. Nós somos testemunhas de tudo quanto ele fez na Judeia e em Jerusalém. Eles, porém, o mataram, pendurando-o em um madeiro. Mas Deus o ressuscitou ao terceiro dia [...]. Todos os que creem nele, em seu nome recebem o perdão dos pecados (At 10,37-40.43).

2.3. A vocação comum

A segunda palavra que Deus pronunciou sobre o ser humano foi outro chamado a viver com os demais: *"E Deus criou o homem a sua imagem; a imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e disse-lhes: sejam fecundos"* (Gn 1,27-28). Desde a sua origem o ser humano está chamado ao encontro com os demais e com Deus. A este respeito, circula um belíssimo texto do Concílio Vaticano II: *A mais sublime razão da dignidade humana consiste na vocação do homem à união com Deus.* É desde o começo da sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus: pois, se existe, é só porque, criado por Deus por amor, é por Ele por amor constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e se entregar ao seu Criador. (*Gaudium et spes*, n. 19).

Na encarnação do Filho de Deus na pessoa de Jesus Cristo, deu-se a conhecer à humanidade o mistério de um Deus que é família, relações de amor entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A vocação ao encontro com Deus, em Cristo, se nos manifesta como um chamado ao encontro e à relação com três Pessoas. Assim, pelo batismo, os cristãos entramos na dança das relações trinitárias e em um diálogo de amor com um Deus que é Amor (1 Jo 4,8), e que nos amou primeiro. Neste sentido, a vocação cristã é um dom da graça que se dá a viver no contexto da fé batismal; esta é a vocação comum e fundamental de todos os cristãos. As vocações específicas já são uma evolução da graça batismal. Daí que, se não se vive a vocação batismal, dificilmente se chega a compreender o significado e o valor das vocações específicas.

O aspecto fundamental da vocação batismal é a consciência que o cristão adquire de se saber discípulo missionário de Jesus Cristo. Neste sentido, a promoção das vocações específicas não pode desentender-se da promoção da vida cristã. Ao contrário, será o impulso da vida cristã que o ajudará a madurar e escolher alguma das formas de vida cristã ou vocação específica. E a vocação cristã é essencialmente rastreamento de Jesus Cristo. Esta leva consigo, por um lado, um amor vivo e pessoal a Cristo e, por outro, um desejo profundo de ser testemunha de sua misericórdia e seu amor no mundo.

Por conseguinte, somente Cristo, o Senhor, manifesta ao coração do crente o caminho específico pelo qual o convida a segui-lo e a optar por ele.

2.4. Vocações específicas

A vocação à vida e a ser pessoa, vai desprendendo suas melhores possibilidades no chamado a ser plenamente pessoa em Cristo, pelo batismo; e a vocação específica é o desenvolvimento da graça batismal, um modo de percorrer aquele caminho que conduz cada cristão a viver a plenitude do amor. A seguinte descrição de vocação específica pode ajudar a compreender melhor os aspectos essenciais que a definem. *A vocação é um acontecimento misterioso no qual o ser humano, dialogando com Deus, adquire a consciência de uma missão situada historicamente e se compromete em uma resposta concreta* (Irmandade de sacerdotes funcionários diocesanos, *Subsídio para o curso básico de pastoral vocacional no Diocese de Querétaro*, 2019, p. 14).

É possível descrever quatro níveis de entendimento da vocação: nível humano, cristão, específico e institucional. O primeiro, o nível humano: *somente Cristo mostra ao homem o que é o homem e lhe revela a grandeza de sua vocação* (*Gaudium et spes*, n. 22). O segundo nível, o cristão: *Não foram vocês que me escolheram, fui eu que escolhi e destinei vocês para que vão e deem fruto abundante e duradouro* (Jo 15,16). O terceiro, é o nível da vocação específica que define e caracteriza a vida cristã concretamente: vocação laical, vocação religiosa consagrada e vocação dos ministros ordenados. E, por último, o nível institucional, se refere ao fato de que as vocações cristãs específicas pertencem a uma instituição específica: um Presbitério, uma Ordem ou Congregação religiosa, uma Família, etc.

A seguir se apresentam, em amplos aspectos, as vocações específicas de que trata terceiro nível: vocação laical, vocação à vida religiosa consagrada e vocação ao ministério ordenado.

a) Vocação laical

De acordo com o que indicou o Concílio Vaticano II, corresponde aos leigos viver plenamente a vida secular, tanto em cada uma das atividades e profissões como nas condições ordinárias da vida familiar e social com as quais sua realidade está tecida. É aí onde são chamados por Deus a cumprir uma missão, guiando-se pelo espírito das bem-aventuranças, de maneira que, como fermento, contribuam a partir de dentro à transformação do mundo, para que mostrem Cristo aos demais. Brilham, sobretudo, com o testemunho de sua vida de fé, esperança e caridade. Aos leigos corresponde iluminar e organizar todos os assuntos temporais aos que estão estreitamente vinculados, de tal maneira que se realizem segundo o espírito de Jesus Cristo e se

desenvolvam e sejam para a glória do Criador e o bem da Igreja (cf. *Lumen Gentium*, n. 31).

A vocação dos leigos é, pois, a de ser discípulos missionários que *procuram o Reino de Deus e sua justiça* (Mt 6,33) na realização de sua condição cristã, e tratam de organizar todos os assuntos da vida social segundo o espírito do Evangelho. Os leigos, cuja vocação os coloca no coração do mundo e na realização das mais variadas tarefas, devem exercer uma forma singular de evangelização. Sua tarefa primária e imediata não é a institucionalização e o desenvolvimento da comunidade eclesial – essa é a tarefa específica dos pastores –, mas a de pôr em prática todas as possibilidades contidas no Evangelho dentro da vida social. O campo de sua atividade é a política, o social, a economia, a cultura, as ciências, a arte, os meios de comunicação, a educação, etc. (cf. Paulo VI, *Evangelii nuntiandi*, n. 70).

Na Ordem dos Agostinianos Recoletos tem-se institucionalizado vários âmbitos de crescimento específicos para a vida laical, que oferecem uma ajuda na realização da vocação secular. Estes âmbitos laicais bebem em seu itinerário de discípulos das fontes da espiritualidade agostiniana e da tradição recoleta. São as Fraternidades Seculares Agostiniano-Recoletas (FSAR), o movimento das Juventudes Agostiniano-Recoletas (JAR), e a Associação Mães Cristãs de Santa Mônica (mães que assumem um compromisso de orar, sobretudo por seus filhos e maridos, a exemplo de Santa Mônica). Chegar a fazer parte destes espaços de crescimento na vocação leiga, implica também acolher o chamado de Deus a ser discípulos missionário no estilo de santo Agostinho.

Alguns exemplos de formas de vida cristã laicais:

- Matrimônio-viuvez.
- Família-maternidade-paternidade.
- Celibatário.
- Profissional (educação, medicina, política, economia, cultura, etc.).
- Virgindade consagrada (virgens leigas consagradas).
- Missão “*ad gentes*” (missões onde a Igreja ainda não está implantada).
- Vida comunitária (comunidades de base, fraternidades seculares, etc.).
- Etc.

b) Vocação ao ministério ordenado

Todo batizado recebe o dom, através do sacramento da água e do Espírito, de ser filho de Deus Pai no Filho. Há uma vocação comum para todos os discípulos de Jesus Cristo que nos abre, por sua vez, para a missão. Assim, em Cristo, cada batizado é profeta, rei e sacerdote. É profeta porque anuncia a presença do Deus vivo que conduz a história; Ele é rei porque cede

espaço com sua vida ao reinado do amor de Deus no mundo; e é sacerdote porque celebra e participa nos sinais sacramentais que tornam possível a própria santificação e pelos quais se dá glória a Deus. Este sacerdócio é compreendido como sendo o sacerdócio comum dos fiéis. E diferencia-se do sacerdócio ministerial em que este faz parte, por um chamado particular, do sacramento da Ordem.

Os bispos têm, por um dom da graça, a plenitude do sacerdócio de Cristo e os associa ao ministério dos apóstolos. No transcurso da história da Igreja, os bispos são os sucessores dos primeiros discípulos aos quais Jesus vinculou estreitamente a sua vida e missão, conhecidos também como o grupo dos Doze. Os presbíteros (do grego “anciãos”), unidos ao bispo, exercem o sacerdócio de Cristo; esta é sua missão. Pelo exercício do sacerdócio ministerial, tanto os bispos como os sacerdotes vivem a caridade pastoral própria de Cristo, Bom Pastor, que manifestou com suas palavras e sinais a misericórdia do Pai. E os diáconos, sejam permanentes ou estejam orientados ao sacerdócio ministerial, manifestam a caridade de Cristo que não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida pelos demais (cf. Mt 20,28).

O ministério ordenado, em qualquer dos três graus do sacramento da Ordem (bispos, presbíteros ou diáconos), se configura com Cristo, Cabeça, Pastor e Servo da Igreja. A missão do ministro ordenado é praticar a caridade pastoral, própria de quem acompanha o Povo de Deus ao estilo de Cristo, Bom Pastor. E apascentam o Povo de Deus, sobretudo, através da pregação da Palavra, da celebração dos sacramentos e a animação do serviço da caridade. Pelo sacramento da Ordem recebem a força do Espírito para serem testemunhas ante o mundo, dos mistérios da fé e servidores da comunidade humana e eclesial.

Alguns exemplos de formas de vida cristã do ministério ordenado:

- Celibato pelo reino dos céus (*não é essencial para o ministério ordenado*).
- Matrimônio-viuvez-paternidade e ministério ordenado.
- Profissional (comunicações, educação, etc.).
- Trabalho em equipe (clero secular).
- Vida comum (fraternidades sacerdotais).
- Missão “*ad gentes*” (missões onde a Igreja ainda não está implantada).
- Etc.

c) Vocação à vida religiosa consagrada

O Concílio Vaticano II concedeu “carta de cidadania” à vida consagrada na Igreja fazendo constar e assumindo que, *o estado, cuja essência está na profissão dos conselhos evangélicos, ainda que não pertença à estrutura hierárquica*

da Igreja, pertence, no entanto, de uma maneira indiscutível, à sua vida e à sua santidade (Lumen Gentium, n. 44). A vida consagrada situa-se na esteira da vida e da santidade da Igreja; é uma forma de vida cristã para viver a plenitude do amor em benefício de todo o Corpo de Cristo (*Lumen Gentium, n. 43*). Neste sentido, a vocação à vida consagrada consiste em uma resposta de amor ao amor com o qual um discípulo ou uma discípula de Jesus Cristo se sentiu imensamente amado.

A vida religiosa, como mais uma forma de vida cristã, encontra sua inspiração e seu fundamento em Cristo, o Consagrado do Pai. E, de modo especial, pode ser dito que a vida consagrada encontrou no texto das bem-aventuranças o horizonte de compreensão do sentido de sua vocação e missão. O chamado à vida consagrada conserva esta radicalidade: que o amor de Deus faz jus a tudo, inclusive a própria vida e tudo quanto ela contém de belo. Portanto, para além do que façam os religiosos, porque certamente realizam muitas tarefas importantes na Igreja e no mundo, sua missão fundamental é ser signo de pertença exclusivo a Deus.

A vida consagrada brotou na Igreja como um dom do Espírito Santo, como um prisma que irradia a única luz de Cristo com diferentes matizes. Como vida cristã, seu propósito é seguir a Jesus Cristo segundo as pegadas deixadas por suas pisadas na história e que estão recolhidas nos evangelhos. E seu horizonte de vida é viver a plenitude do amor no encontro diário com o Senhor. Cultiva, segundo o próprio carisma, uma vida fraterna em comunidade, ou vida na solidão, mas sempre servindo ao povo de Deus, seja com a oração, com as obras de caridade, ou com as obras de misericórdia. Como toda vida cristã, seu objetivo é a santidade.

Um elemento específico da vida religiosa é que a pessoa faz uma oferenda de sua própria vida a Deus, para consentir que Ele seja Senhor exclusivo de seu coração. E esta doação de si se expressa através da profissão dos *conselhos evangélicos*. Que é um conselho evangélico? Proposto no evangelho é um valor digno de ser vivido, porque o mesmo Cristo o tornou parte importante de seu estilo de vida. Os conselhos evangélicos são a obediência, a pobreza e a castidade. Um religioso, pois, refere com sua vida algo de Cristo obediente ao Pai, algo de Cristo pobre de espírito e algo de Cristo que tem a paixão de seu coração em Deus, seu Pai, e na humanidade que ama a ponto de dar a vida por ela.

Alguns exemplos de modos de vida cristã dos religiosos consagrados:

- Vida comunitária (vários vivendo em uma mesma casa).
- Vida eremítica (em solidão).
- Vida contemplativa (monges e monjas de clausura).
- Vida ativa-apostólica.

- Vida mista (combina a contemplação e o apostolado).
- Profissional (no campo da educação, da saúde, das comunicações, etc.).
- Etc.

d) Harmonia das vocações específicas

Cada uma das vocações cristãs específicas tem sua própria missão e propósito como formas de seguir a Cristo. E cada qual tem também um caminho no qual se aprofunda e desenvolve a graça batismal. Um elemento importante da “cultura vocacional” é fazer o Povo de Deus compreender que todas as vocações cristãs têm a mesma dignidade e que, portanto, deve haver uma complementariedade entre elas. *É belo compreender a Igreja como uma harmonia vocacional, na qual todos têm algo importante a contribuir e na qual alguns ministérios não se opõem a outros, mas se integram em um único Povo de Deus e se complementam em ordem à edificação desse povo* (Irmandade de sacerdotes operários diocesanos, *Subsídio para o curso básico de pastoral vocacional na Diocese de Querétaro*, 2019, p.72).



Parte II

semear

SEGUNDA PARTE

Sembrar

“Saiu o Semeador a semear”
(Mt 13,3)

A parábola do semeador lança luz, uma vez mais, sobre o sentido da seguinte ação pastoral destinada ao despertar vocacional. No contexto do evangelho de São Mateus, temos um Jesus em saída, que vai e se aproxima da orla do mar (Mt 13,1). O mar não é unicamente um lugar geográfico, mas também um símbolo da mesma vida humana. Neste sentido, a “orla do mar” é uma imagem que expressa a proximidade própria de Jesus com seu povo. Aí, na orla do mar, estão as pessoas, que vivem, se relacionam, constroem seus sonhos... Reúnem-se muitas pessoas em torno de Jesus porque Ele se mete de cheio na vida do povo, envolve-se a fundo com sua realidade (*sobe a uma barca que está no mar*, Mt 13,2) e lhe fala ao coração (*Saiu o semeador a semear*, Mt 13,3). As pessoas ficavam na orla do mar, atenta ao que Jesus lhes dizia em parábolas.

Jesus é o semeador, o agricultor divino, que espalha nos sulcos da história humana a beleza da vida nova. Naquele lugar geográfico, árido e duro para semear, Jesus propõe uma boa notícia que enche de alegria os corações de seus ouvintes. Fala-lhes de uma colheita onde os frutos serão abundantes, chegando a cem por cento. A semente que Jesus semeia é uma semente diferente, com uma força germinal impensada, que em boa terra, os corações preparados e dispostos, se torna maravilhosamente fecunda.

A V Conferência do Conselho Episcopal Latino-americano (Aparecida, Brasil) falou, em repetidas ocasiões, de uma *evangelização kerigmática*, que parte sempre do encontro com Cristo; da semeadura do encontro vivo com Cristo e sua Palavra. *Os que serão seus discípulos já o procuram (cf. Jo 1,38), mas é o Senhor quem os chama: segue-me (Mc 1,14; Mt 9,9). Há de se descobrir o sentido mais fundo da busca, e há de se propiciar o encontro com Cristo que dá origem à iniciação cristã. Este encontro deve ser renovado constantemente pelo testemunho pessoal, o anúncio do kerigma e pela ação missionária da comunidade. O kerigma não é só uma etapa, mas o fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo de Jesus Cristo (Aparecida, n. 278).*

Não resta a menor dúvida de que a semeadura paciente do encontro com Cristo é o coração mesmo da animação vocacional. A tarefa do animador vocacional há de se assemelhar à iniciativa do Mestre, que semeia, com generosidade, as sementes do Reino no coração humano. A este respeito, o Papa

São Paulo VI dirigiu-se às comunidades cristãs nestes termos: *que ninguém, por culpa nossa, ignore o que deve saber para dar uma orientação diferente e melhor à própria vida* (cf. Paulo VI, *Mensagem para a XV jornada mundial de oração pelas vocações* 1979). Neste sentido, um dos objetivos principais da animação vocacional é que em todas as comunidades se proponham os meios para um autêntico despertar vocacional. Como atingir este objetivo? Através da proclamação do *kerigma vocacional*.

Que é o kerigma vocacional? O conteúdo concreto do kerigma vocacional pode ser resumido do seguinte modo: *"Tua vida não é resultado da casualidade ou de um erro, originou-se no amor e foi criada por Deus. Por isso, estejas absolutamente certo de que tu és incondicional e definitivamente amado. Este amor originário imprimiu em tua existência uma ordem, segundo o modelo de Cristo. Tua vida tem um sentido objetivo que precisas descobrir pouco a pouco. Trata-se de um dom que não se esgota em ti mesmo, porque se ordena aos demais. Desenvolver esse dom é tarefa tua. Quando assumas este desígnio e esta direção, tua liberdade adquire um novo sentido, absolutamente original"* (Emilio Lavaniegos González e Rubén Barrón Porcayo, *O Kerigma vocacional. Materiais para um primeiro anúncio da vocação*, México, 2009).

O kerigma vocacional busca, portanto, semear o encontro com Cristo. Neste sentido, o Papa Bento XVI, em sua primeira encíclica, *Deus caritas est* (Deus é amor), assinalou, a este respeito, que *"não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva"* (Papa Bento XVI, *Deus caritas est*, n. 1). O fundamental é, pois, encontrar-se com Cristo e *"amá-lo com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças"* (Dt 6,5).

Inclusive, além de semear o encontro com Cristo, a pastoral da animação das vocações anuncia sempre, a todos, que, em Cristo, cada ser humano tem uma missão neste mundo. Por conseguinte, a sementeira vocacional centra-se também no esforço alegre e generoso de pregar, do modo mais concreto e inteligível possível, que todos temos uma missão a cumprir nesta terra. Neste sentido, o Papa Francisco dirigiu-se aos jovens com estas palavras: *"Recordo a vocês que a missão não é só uma parte da minha vida, ou um enfeite que posso tirar a qualquer momento; não é um apêndice ou um momento a mais da existência. Mas é algo que não posso arrancar de meu ser se não quero me destruir. Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo"* (Papa Francisco, *Christus vivit*, n. 254).

Eleger

O terceiro verbo que se emprega na metodologia do Sínodo sobre *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* é “eleger”. Os padres sinodais, baseando-se no texto do evangelho de Lucas (*partiram sem demora*, Lc 24,33), falaram da mudança radical ocorrida na vida dos discípulos de Emaús, depois que se encontraram com o Ressuscitado. O encontro com Cristo origina na vida do discípulo missionário uma mudança de direção que tem a ver, sobretudo, com a volta à comunidade, com levar a alegria no coração enquanto se caminha e se comunica a fé. Desta perspectiva, com o verbo “eleger” os padres sinodais descrevem a conversão e a mudança de vida do discípulo missionário; esse giro de 180° que lhe compromete profundamente a vida.

O ocorrido com os peregrinos de Emaús apresenta-se, no evangelho de Lucas, como uma experiência espiritual orientada a animar a vida cristã dos discípulos missionários de todos os tempos e, em especial, ilumina o caminho dos jovens. Trata-se, portanto, de possibilitar o mesmo itinerário de discipulado neles: *“Da escuta da Palavra passa-se à alegria dum encontro que enche o coração, dá sentido à existência e infunde nova energia. Os rostos iluminam-se e retoma-se com vigor o caminho: é a luz e a força da resposta vocacional que se faz missão a favor da comunidade e do mundo inteiro. Sem demora e sem medo, os discípulos retornam sobre os seus passos para ir ter com os irmãos e testemunhar o seu encontro com Jesus ressuscitado”* (Documento conclusivo do sínodo sobre os jovens, n. 114).

Para Santo Agostinho, o processo de interioridade também tem a ver com o percurso pessoal de descobrir no próprio coração uma presença que diz toda a verdade sobre a própria vida: *“no interior habita a verdade”*. A terceira parte da expressão agostiniana –*no interior habita a verdade*– explica o sentido do seguinte momento deste *Plano de animação das vocações*. Para a espiritualidade agostiniana, descobrir a verdade no próprio coração não consiste tão somente em dar respostas filosóficas a respeito do sentido da vida, mas em encontrar com um Pessoa, com Cristo, com a Verdade.

Por conseguinte, só quando se descobre a presença de Cristo no coração banhado pela sua luz, é que se pode abraçar, de fato, o estilo de vida cristã como um caminho de felicidade. Deste ponto de vista, é fundamental realizar, como uma atividade pastoral específica, a sementeira vocacional, isto é,

ajudar a advertir a presença de Cristo no coração. Portanto, a missão do animador vocacional tem muito a ver com investir tempo, recursos e, sobretudo, ser presença constante e tenaz, de maneira que se possibilite o encontro com Cristo e com sua Palavra aí, no fundo do coração humano.

3.1. O kerigma vocacional

Na exortação apostólica pós-sinodal *Christus vivit* (Cristo vive), o Papa Francisco nos oferece uma apresentação breve e completa do *kerigma cristão* para jovens (cf. Papa Francisco, *Christus vivit*, nn. 111-133). Não há necessidade de repetir aqui o que ali é sugerido. No entanto, se recolhe neste *Plano de animação* alguns elementos essenciais do anúncio sobre a fé cristã para todos os cristãos e, em particular, para os jovens. Estas realidades principais da fé cristã são: anunciamos um Deus que é Amor e que ama a cada ser humano de forma personalíssima; proclamamos que Cristo, por amor, se entregou até as últimas consequências para nos salvar e que Ele vive e nos quer cheios de vida; proclamamos que a vida de Deus é recebida como um dom do Espírito Santo, pois Ele é Senhor e doador da vida.

Estas três grandes verdades, que nunca deveriam ser caladas e que todos os discípulos missionários precisam escutar, têm consequências profundas e diretas para possibilitar um despertar vocacional. Toda vocação é, em essência, um encontro e um diálogo entre Jesus, o Senhor, que chama e alguém que o escuta e lhe responde em um momento e lugar concretos de sua história pessoal, eclesial e social. É sempre o Senhor quem chama: “*Segue-me*” (cf. Mc 1, 14; Mt 9, 9). E a animação vocacional é um autêntico serviço de mediação, cujo objetivo é atualizar e prolongar esse decisivo encontro com Cristo. Seu trabalho deve se concentrar em ajudar os outros a perceber como o Senhor passa por suas vidas, os escolhe e os chama a deixar tudo para segui-lo.

3.2. Para um despertar vocacional

Ao anúncio das verdades fundamentais da fé cristã se lhe denomina “seara vocacional” porque trata-se de depositar uma semente –o *kerigma vocacional*– na terra boa do coração humano. Tal semente, ainda que pareça uma verdade simples e singela, contém, em si, um enorme gérmen de vida nova, que representa um autêntico “despertador” do sentido vocacional da vida. Este anúncio do *kerigma* vocacional é uma realidade prioritária porque, como expressão do kerigma evangélico, é “a prioridade absoluta na transmissão da fé” e “deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda tentativa de renovação eclesial” (Papa Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 110 e 164).

Ora, o que se quer dizer, especificamente, quando falamos de um “despertar vocacional”? Trata-se de ajudar, através da proclamação do kerigma vocacional, a advertir a presença de Deus e ensinar a captar a novidade que o encontro com Cristo traz para a própria vida. E como se acompanha este despertar vocacional no crescimento da fé? Primeiramente, convém ter em conta que na cultura atual pode ocorrer – e de fato ocorre – alguns obstáculos que impedem ou entorpecem um despertar vocacional: um estilo de vida superficial, um acentuado narcisismo, um excessivo ruído exterior e interior, uma mentalidade conformista, uma busca exacerbada de gratificações imediatas, etc. Este *Plano de animação vocacional* assume duas grandes estratégias para superar tais obstáculos ao despertar vocacional.

3.3. Ensinar a advertir

Tudo começa com a consciência de estar diante de uma Presença, isto é, pela capacidade de observar que Deus está presente a toda realidade e, especialmente, no interior do ser humano; e quer ser encontrado por ele e começar um diálogo de amor. Parte do labor da animação vocacional consiste em ajudar a recuperar uma habilidade mínima de contatar consigo, refletir e se concentrar em considerar as coisas importantes da vida. Portanto, ensinar a perceber as coisas com uma certa profundidade, constitui uma estratégia básica para abandonar a reclamação imediata e exigente das mil preocupações que enchem o dia e que distraem a atenção daquilo que realmente importa.

A pedagogia da animação das vocações está recuperando, cada vez mais, a importância da iniciação no mistério de Deus, também conhecida como *mistagogia*. O itinerário do discípulo de Cristo arranca da experiência humana do assombro que comove a totalidade da pessoa, a faz adquirir consciência de si, provocando nela fascinação, vertigem e admiração. Só então a vida deixa de ser óbvia e se torna maravilhosa; o ordinário reveste-se de uma tonalidade mais luminosa. A experiência de assombro permite, pois, olhar constantemente as coisas de uma maneira diferente. Na experiência espiritual cristã nada desperta tanta fascinação como experimentar no coração que *“não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou primeiro”* (1 Jo 4,10).

3.4. Educar para o silêncio e a escuta

Para chegar a compreender o chamado do Senhor é fundamental fazer silêncio e escutar, na fé, a voz de Deus. A mesma experiência vocacional de santo Agostinho tem sua origem na capacidade de silenciar-se e escutar a Deus: *chamou e clamou, e rompeu minha surdez* (*Confissões* 10,27,38). O servi-

ço da animação das vocações facilita dois recursos imprescindíveis para calar os ruídos exteriores e interiores, e propiciar, assim, o silêncio interior. Por um lado, oferece espaço para o silêncio e a solidão em vista do encontro com Deus, e, por outro, apresenta ferramentas com o fim de assinalar a viagem para o profundo do próprio coração. Para este propósito, o exercício da *lectio divina* constitui uma metodologia privilegiada para o encontro com Deus e para se viver como um discípulo ouvinte da Palavra.



Parte III

cultivar

TERCERA PARTE

Cultivar

“Um homem que semeou um campo”

(Mc 4,26)

Que corresponde ao animador vocacional na tarefa da promoção das vocações, isto é, ao semeador humano? Um texto do evangelho de São Marcos nos dá a melhor resposta: *“Jesus disse-lhes: O Reino de Deus é como um homem que lançou a semente na terra: ele dorme e acorda, de noite e de dia, mas a semente germina e cresce, sem que ele saiba como. A terra por si mesma produz fruto: primeiro a erva, depois a espiga e, por fim, a espiga cheia de grãos. Assim que os grãos amadurecem, mete a foice, porque chegou o momento da colheita”* (Mc 4,26-29). A animação das vocações precisa alimentar-se continuamente da certeza de fé que, a partir da semeadura vocacional, gera um processo dinâmico e um paradoxo que dá muitos frutos, e que vai para além da eficiência de seu trabalho; é, antes de mais nada, um assunto de Deus.

O acompanhamento vocacional é chamado a participar da mesma lógica do evangelho: a semente semeada cresce progressivamente no silêncio, de forma mal perceptível, para além das falhas e sucessos humanos, pois é Deus mesmo quem a faz crescer. É claro que esta consideração não desqualifica a participação humana, pois esta tem um papel importante, tanto na preparação do terreno, como na ação de depositar a semente na terra. Mas chega um momento em que o passo seguinte é contemplar com gratidão e admiração o crescimento da colheita. E, finalmente, é hora de fazer a colheita. Por conseguinte, o acompanhante vocacional assemelha-se à intervenção do agricultor humano: gera a cultura vocacional, lança a semente e, pacientemente, acompanha o desenvolvimento das vocações e entrega os frutos a Deus.

A terceira parte deste *Plano de animação das vocações* centra-se na importância do acompanhamento para o discernimento e a decisão vocacional. O acompanhamento vocacional consiste na ajuda humana e espiritual que um irmão maior na fé e no discipulado de Cristo presta a outro irmão que percorre o caminho da busca, do reconhecimento e da decisão vocacional. É um tempo específico de compromisso mútuo entre o acompanhante e o acompanhado, até que se ilumina no acompanhado a certeza irrenunciável de que o Senhor o está chamando para algo muito concreto. Trata-se de

acompanhar o itinerário discipular que conduza o crente a amadurecer-se no caminho que Deus lhe apresenta para viver a plenitude do amor.

Como realizar este acompanhamento? Voltando uma e outra vez a Jesus, pois seu modo de acompanhar cria um estilo de acompanhamento que não fica fora de moda: *Jesus mesmo se aproximou e caminhou com eles* (Lc 24,15). Hoje também Jesus, o Cristo ressuscitado, quer trabalhar, ao seu estilo, junto com cada jovem, aceitando suas expectativas, inclusive suas decepções, e suas esperanças, inclusive mesmo as inadequadas. Portanto, ontem, hoje e sempre, Jesus, através de sua Igreja, caminha, escuta e entusiasma o coração dos jovens enquanto faz o caminho com eles (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, n. 5).

No Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens, assinalou-se que os mesmos jovens pediram que se recupere a figura do acompanhante (n. 99). O serviço de acompanhamento é uma missão inadiável, que pede toda a disponibilidade e generosidade de quem o realiza. Neste sentido, o acompanhamento requer que se esteja disponível ao Espírito do Senhor para percorrer o caminho transitado pelos acompanhados. Um bom acompanhante põe em jogo as qualidades e habilidades que reconhece no acompanhado e, depois, tem a coragem de se afastar com humildade e deixar que o acompanhado percorra o caminho que escolheu (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, n. 101).

O mesmo Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens apresentou o perfil do acompanhante que os jovens precisam e reclamam para este momento da história: *um bom acompanhante é uma pessoa equilibrada, que escuta, que proporciona fé e oração, que se mediu com suas próprias debilidades e fragilidades. Por esta razão, ele sabe como ser acolhedor com os jovens a quem acompanha, sem moralizar e sem falsas indulgências. Quando é necessário, também pode oferecer a palavra de correção fraterna* (*Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, n. 102).

De igual forma, com realismo e beleza, as conclusões do Sínodo apontam que é necessário que o acompanhante seja uma pessoa livre, *que respeita o resultado da viagem de quem acompanha, apoiando com a oração e alegrando-se com os frutos que o Espírito Santo produz naqueles que abrem seus respectivos corações, sem buscar impor seu parecer ou suas preferências*. E mais adiante indica que, *só a partir da liberdade poderá pôr-se a serviço em lugar de pretender ocupar o centro da cena e assumir atitudes possessivas, manipuladoras ou diretivas, que originem dependência e ferir a liberdade dos acompanhados* (*Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, n. 102).

De acordo com o Sínodo sobre os jovens, para chegar a ser um bom acompanhante é necessário cultivar com esmero algumas dimensões importan-

tes da vida cristã, tais como: cultivar uma vida espiritual profunda, que nutra a relação com Aquele que lhe atribuiu essa missão, receber capacitação específica para realizar este ministério, deixar-se, por sua vez, acompanhar e beneficiar de uma supervisão. E, por último, é fundamental para o acompanhamento a capacidade de trabalho em equipe e viver a espiritualidade de comunhão (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, n. 103). Os requisitos para ser acompanhante, portanto, são exigentes e nem todos estão em condições de realizar um bom acompanhamento; é importante preparar-se para acompanhar.

Decálogo *agostiniano* para o acompanhamento vocacional:

1. *Realiza-se de coração a coração*, isto é, a partir de Jesus Cristo, a partir da minha verdade, das próprias limitações e vulnerabilidade; conectando-me do meu centro vital com o acompanhado.
2. *Parte do compromisso de que o acompanhante já percorreu o mesmo caminho que convida o acompanhando a transitar*. A orografia é reconhecida porque o acompanhante já escalou a montanha. Certamente, o acompanhante não percorreu todos os caminhos existentes, nem todos os modos possíveis de serem vividos, mas alcançou metas e, por esta razão, sabe orientar como chegar a elas.
3. *O acompanhante sintoniza o momento vital de busca e encontro do acompanhado*. A partir dos anseios mais profundos de seu coração, o acompanhante tem condições de representar “sentido de vida para o outro”. Presta-se especial atenção aos dinamismos espirituais e psicológicos da pessoa acompanhada, que a colocam em um momento concreto de seu itinerário de fé.
4. *O acompanhante alerta quanto à direção do desejo profundo da pessoa acompanhada*. O acompanhante percorre o caminho do acompanhado desde a incerteza e a sublimidade dos próprios desejos que, em ocasiões, entusiasmam, mas que, também, às vezes, frustram. O acompanhante reconhece a presença ou ausência de Deus nestes desejos.
5. *O acompanhante ajuda a dar o salto qualitativo (conversão) que procura e necessita a pessoa acompanhada*. Nesse sentido, trata-se da orientação para o salto qualitativo que se intui ser o que o acompanhado precisa e o que Deus lhe pede.
6. *O acompanhamento se dá na relação de amizade*, e isso mostra um peregrino que caminha com outro peregrino, como o próprio Jesus Cristo.
7. *Imbuído de humildade e felicidade o acompanhante caminha com a pessoa acompanhada*. Esse caminho tem de estar marcado pela atitude da humildade: “primeiro, a humildade, segundo a humildade,

terceiro a humildade; e quantas vezes me perguntarem responderei o mesmo” (Santo Agostinho, Carta 118, 22; cf. Confissões X,43,68).

8. *O companheiro propõe a Palavra de Deus como luz intensa que ilumina os contornos do caminho.* O processo de maturação e decisão vocacional tem de estar, pois, atravessado pelo sentido bíblico da vida.
9. *O acompanhante ama em Cristo a pessoa acompanhada.* Sim, a ama! Amor que se traduz em cuidado e atenção, em preocupação pela pessoa e sua felicidade.
10. *O acompanhante conduz pedagogicamente o acompanhado à experiência de viver em comunidade, a sentir-se pedra viva na Igreja de Cristo.*

4

Sair

Continuando com a metodologia dos verbos assumida por este *Plano de animação das vocações*, o verbo seguinte é “sair”. A vida cristã tem uma dimensão essencial de saída. Um cristão é, *de per si*, um peregrino que marcha para um destino de felicidade em Deus. Cristo mesmo dá-nos um exemplo disto. Ele é o enviado do Pai, que sai de si mesmo. Sem abandonar sua condição divina, faz-se homem, um como nós, sangue de nosso sangue. Cristo passou por este mundo fazendo o bem e curando aos doentes; ia por todos os lugares, tornando presente o Reino de Deus. Cristo é, pois, o caminho, porque ele mesmo saiu a percorrer as encruzilhadas da vida humana e fez de si um dom para que, nele, outros experimentassem seu amor incondicional.

A animação das vocações, por ser uma atividade pastoral eclesial, acompanha os passos da Igreja em saída, que nasceu para evangelizar. Aí onde chega a luz do Evangelho e se experimenta a alegria da fé, aí mesmo a pastoral vocacional realiza sua vocação e missão acompanhando o caminho daquele que crê, até que os novos discípulos vivam a vida em Cristo. Com o verbo *sair*, pois, pretende-se assinalar o processo de chegar a ser plenamente pessoa para além de si, em Cristo. E através do acompanhamento vocacional desenham-se os traços do novo projeto de ser pessoa em Cristo, a partir da resposta à vocação. Portanto, acompanha-se o processo que vai desde que se percebe no coração humano a intuição irrenunciável própria de um chamado divino, até que esta se especifica livremente em uma opção de vida cristã.

O processo da interioridade agostiniana também lança luz sobre esta parte do *Plano de animação das vocações*. A viagem que Santo Agostinho propõe para sair da dispersão e regressar ao coração compreende fundamentalmente um ato da consciência de fé: “*e se te descubres limitado...!*” No reconhecimento por parte do homem de seu *ser criatura de Deus*, redescobre sua melhor possibilidade; não é uma dependência que limita, mas uma relação que o promove. Neste sentido, a humildade é a chave para reconhecer que o ser humano é “*humus*”, terra, e se encontra limitado por esta realidade. Portanto, o fato de descobrir-se limitado, obriga o fiel a sair de si e a percorrer o caminho que Cristo lhe propõe para chegar a ser plenamente ele mesmo para além de si.

Eis um itinerário vocacional para o discípulo missionário em saída:

4.1. Acompanhar a conversão do coração

O acompanhamento vocacional é o eixo transversal que atravessa todo o processo de busca, discernimento e decisão vocacional. Neste sentido, o acompanhamento é uma das tarefas mais delicadas do animador vocacional. A ele corresponde despertar e ajudar a discernir as diferentes opções específicas de vocação na Igreja. O acompanhamento dá lugar a uma relação de confiança e a um caminho partilhado; um estilo cristão que tem que ver com a partilha do “pão do caminho”. E, precisamente, este pão está relacionado com a experiência espiritual cristã da transformação do coração, de maneira que haja espaço para uma nova vida em Cristo. Portanto, o primeiro passo é acompanhar a conversão do coração.

O Documento de Aparecida, ao falar da experiência religiosa, indica o seguinte: *“Em nossa Igreja devemos oferecer a todos os nossos fiéis um encontro pessoal com Jesus Cristo, uma experiência religiosa profunda e intensa, um anúncio kerigmático e o testemunho pessoal dos evangelizadores, que leve a uma conversão pessoal e a uma mudança de vida integral”* (Aparecida, n. 226). Propõe-se, por tanto, abrir, através do acompanhamento, um autêntico processo de conversão do coração a partir do encontro com Cristo e seu convite a segui-lo. A conversão pessoal desperta no discípulo a capacidade de submeter tudo ao serviço da instauração do Reino da vida, começando pelo próprio ser (cf. Aparecida, n. 366).

Na mesma Conferência de Aparecida falou-se da conversão nos seguintes termos: *“É a resposta inicial de quem escuta o Senhor com admiração, crê nele pela ação do seu Espírito, decide ser seu amigo e ir atrás dele, mudando sua forma de pensar e de viver, aceitando a cruz de Cristo, consciente de que morrer para o pecado é atingir a vida”* (Aparecida, n. 278). Pois bem, acompanhar a conversão *“exige sair dos próprios esquemas pré-estabelecidos, encontrando-os ali onde estão, adequando a seus tempos e a seus ritmos; significa também tomá-los a sério em sua dificuldade para decifrar a realidade em que vive e para transformar um anúncio recebido em gestos e palavras, no esforço quotidiano por construir a própria história e na busca mais ou menos consciente de um sentido para suas vidas”* (Documento preparatório para o sínodo sobre os jovens, parte II).

4.2. Acompanhar a educação do discípulo

Educar vem do latim *e-ducere*, e significa “sacar, extrair, fazer sair algo que se tem dentro”. Face ao acompanhamento vocacional, trata-se de um verdadeiro exercício de ajudar a dar à luz a verdade interior, aquilo que o educan-

do leva em seu coração. Um momento chave do acompanhamento é oferecer ferramentas para que o discípulo jovem se conheça a si mesmo: suas debilidades e qualidades, medos e anseios profundos, necessidades e desejos, etc. Através do esforço pessoal de fazer emergir a verdade que cada um leva inscrita em seu ser, se favorece uma liberdade profunda para a resposta vocacional. Neste sentido, o processo de educação vocacional é muito parecido ao processo de germinação de uma semente, já que esta desprende a força que leva dentro para começar a manifestar a originalidade de seu ser.

No *Documento de Aparecida* fala-se amplamente da dimensão discipular da vida cristã. Indica-se que o discipulado é um aspecto essencial do itinerário cristão: *“A pessoa amadurece constantemente no conhecimento, amor e seguimento de Jesus Mestre, se aprofunda no mistério de sua pessoa, de seu exemplo e de sua doutrina. Para esse passo são de fundamental importância a catequese permanente e a vida sacramental, que fortalecem a conversão inicial e permitem que os discípulos missionários perseverem na vida cristã e na missão em meio ao mundo que os desafia”* (Aparecida, n. 278). No exemplo e na doutrina do Mestre, o discípulo encontra motivos para viver e servir, decide-se a ser amigo de Cristo e ir depois dele, educando sua forma de pensar e de viver, e aceitando alegremente a cruz de Cristo.

A experiência vocacional de todo discípulo de Cristo é um caminho progressivo de discernimento interior e de crescimento na fé, que conduz a descobrir a alegria do amor e a vida em plenitude na entrega e na participação no anúncio da Boa notícia (cf. *Documento preparatório para o Sínodo sobre os jovens*, parte III). Neste sentido, o discípulo amadurece o conhecimento, o amor e o seguimento de Jesus Mestre, através de um processo de discernimento vocacional e de momentos fortes de silêncio, contemplação e diálogo com o Senhor. Da mesma forma, deve-se ter em mente que a vocação do discípulo missionário se ampara na verdade profunda da pessoa. Através do acompanhamento, facilita-se o conhecimento de si, de modo que o “vocado” se aprofunde no mistério de sua pessoa à luz da pessoa de Cristo.

4.3. Acompanhar a formação para a comunidade

O animador vocacional no exercício da tarefa de acompanhamento propõe, a quem faz o caminho, um protótipo de ser homem: o de Cristo. Indubitavelmente, a pessoa de Jesus Cristo está sempre presente no horizonte da vocação do que é chamado. Agora bem, nesta etapa do processo adquire uma importância particular, já que é o momento em que se propõe, à pessoa chamada, um modo de ser e de viver, no qual ela mesma reconhece sua identidade, a verdade de sua vida, a medida do amor com que é amada. Cristo é, ao mesmo tempo, o Formador e a forma. O acompanhante é uma me-

dição da ação de Deus, que ajuda ao discípulo a reconhecer este chamado e a se deixar transformar por ele.

No Documento de Aparecida se indicou também a importância da comunidade como um fundamental agente formador no itinerário do discípulo missionário: *“Não pode haver vida cristã senão em comunidade: nas famílias, paróquias, comunidades de vida consagrada, comunidades de base, outras pequenas comunidades e movimentos. Como os primeiros cristãos, que se reuniam em comunidade, o discípulo participa na vida da Igreja e no encontro com os irmãos, vivendo o amor de Cristo na vida fraterna solidária. Também é acompanhado e estimulado pela comunidade e seus pastores para amadurecer na vida do Espírito”* (Aparecida, n. 278). Por conseguinte, a comunidade cristã é, por excelência, a comunidade vocacional; favorece o despertar vocacional de seus membros e os acompanha até que fulgure em Cristo o sentido de suas vidas.

A maior dificuldade no serviço da animação vocacional nos dias atuais não está tanto no entendimento da teologia da vocação, quanto na abertura à nova modalidade da práxis pastoral e no pouco envolvimento de toda a comunidade cristã na animação das vocações. É verdade que ainda existem alguns gestores diretos do serviço de animação vocacional. No entanto, é preciso ficar claro que a animação das vocações é assunto e tarefa de toda a comunidade; é a Igreja, comunidade dos convocados (chamados), a mãe de todas as vocações. Tendo, pois, em conta que toda comunidade cristã, seja do tipo que for, é uma comunidade vocacional, não pode faltar dentro do acompanhamento o oferecimento de “experiências comunitárias de portas abertas” que ajudem ao discernimento vocacional.

4.4. Acompanhar o discernimento da missão

O processo vocacional acompanha o itinerário do discípulo missionário para que se disponha a acolher o chamado divino e dê uma resposta livre. O elemento decisivo deste processo é a ação do Espírito Santo no coração do fiel. Por isso, o discernimento vocacional consiste, essencialmente, na escuta atenta do Espírito Santo, que é quem guia a vida de todo crente e lhe mostra o caminho concreto pelo qual Deus lhe quer ir conduzindo. Fazer um discernimento vocacional é ouvir e compreender a voz “silenciosa e poderosa” de Deus nas complexidades da vida, relativizar os condicionamentos humanos que debilitam a percepção dessa voz, e acompanhar e sustentar o crescimento da resposta ao chamado.

A Conferência de Aparecida deu grande importância à missão como resultado natural do itinerário discipular; todo discípulo o é na medida em que é missionário. *“O discípulo, à medida que conhece e ama a seu Senhor, experi-*

menta a necessidade de compartilhar com outros sua alegria de ser enviado, de ir ao mundo a anunciar Jesus Cristo, morto e ressuscitado, tornar realidade o amor e o serviço na pessoa dos mais necessitados, enfim, construir o Reino de Deus. A missão é indissociável do discipulado, por isso não deve ser entendida como uma fase posterior à formação, ainda que a realize de diversas maneiras de acordo com a própria vocação e o momento da maturação humana e cristã em que se encontra a pessoa" (Aparecida, n. 278).

Um bom discernimento alimenta-se da familiaridade com o Mestre e sua Palavra. A este respeito, a *Lectio divina* constitui um método privilegiado para refinar o discernimento vocacional. De fato, em uma sociedade cada vez mais ruidosa, que propõe uma superabundância de estímulos, um objetivo fundamental da animação vocacional é oferecer ocasiões para saborear o valor do silêncio e da contemplação e formar na releitura das próprias experiências, e na escuta da própria consciência (cf. *Documento preparatório para o Sínodo sobre os jovens*, parte II). O Espírito fala e atua através dos acontecimentos da vida, mas os eventos em si mesmos são mudos ou ambíguos, já que se podem dar diferentes interpretações. Iluminar o significado de uma decisão requer a arte do discernimento.

Servir

A vocação surge sempre do coração generoso de Deus e brota na boa terra do povo fiel e na experiência do amor fraterno. Nenhuma vocação nasce por si mesma, nem vive para si mesma, mas é sempre um chamado ao serviço em uma missão concreta; se a pessoa chamada não se entrega generosamente no modo de amar e servir de sua própria vocação, sua vida fica estéril. Portanto, a resposta ao chamado de Deus em uma vocação específica é um fruto que chega a ficar maduro no campo bem cultivado do amor que se faz serviço, no contexto da vida da Igreja. Por esta razão é importante envolver-se a fundo no serviço comunitário, de maneira a despertar nos chamados suas melhores energias na entrega da própria vida (cf. Papa Francisco, *Mensagem para a LI Jornada mundial de oração pelas vocações*, 2014).

O processo da interioridade agostiniana culmina no melhor da pessoa, mas para além de si mesma, na capacidade de transcender em Deus. O convite de santo Agostinho "*transcende a ti mesmo*" nos dá uma chave de interpretação bastante esclarecedora nesta última parte deste *Plano de animação das vocações*. A condição de vida do discípulo missionário, ao estilo do mesmo Mestre, o conduz a "lavar os pés", isto é, a pôr-se ao serviço de seus irmãos nas muitas formas em que pode ser servidor segundo o estilo de vida das vocações específicas. E não há dúvida de que a melhor maneira de transcender na vida cristã é servindo aos demais, sobretudo àqueles nos quais Cristo quer ser servido, nos pobres, excluídos e sofridos deste mundo.

A pedagogia vocacional acompanha o caminho do discípulo até que compreenda e pratique o serviço. Desde este ponto de vista, aprender a servir é aprender a responder à vocação de discípulo missionário, seja qual for o chamado específico na vida cristã. Neste *Plano* se apresenta o serviço da animação vocacional desde dois pontos de vista. O primeiro está relacionado com a espiritualidade evangélica acerca do serviço. E o segundo, refere-se a uma proposta de organização e coordenação do serviço da animação das vocações na comunidade cristã. E ainda que toda a comunidade cristã seja uma comunidade vocacional, é importante distinguir ministérios específicos para que a pastoral de animação das vocações se coordene do melhor modo possível.

5.1. Serviço como atitude necessária para responder ao chamado

O discípulo missionário, a exemplo do Mestre, compreende que o sentido de sua vocação é o serviço por amor. No coração mesmo do evangelho segundo São João temos este grande ensino: *“Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a hora de passar deste mundo ao Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim. Durante a ceia [...], levantou-se da mesa, depõe o manto e, tomando uma toalha, cinge-se com ela. Depois coloca água em uma bacia e pôs-se a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com a qual estava cingido. [...] Após ter-lhes lavado os pés, retomou o seu manto, retornou à mesa e lhes disse: “Compreendeis o que vos acabo de fazer? Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, pois eu o sou. Se, portanto, eu, que sou vosso Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu fiz, façais vós o mesmo”* (Jo 13,1-5.12-15).

Jesus abre a mente e o coração de seus discípulos para que compreendam, através do gesto de lavar os pés, que o sentido da vida cristã é o serviço por amor até dar a vida. A ablução dos pés remete sempre à cruz, à entrega da própria vida por amor. Os discípulos estão convidados a imitar este gesto, entregando-se a um serviço de amor até o extremo; até dar a vida pelos demais. Dentro do processo de acompanhamento e discernimento vocacional, não pode faltar a proposta de experiências de autêntico serviço cristão, que ajudem a amadurecer a própria opção vocacional. A resposta ao chamado, para além de ser um exercício de análise e reflexão, precisa considerar devidamente que se trata, antes de mais nada, de um caminho de serviço aos demais, em especial aos mais pobres e sofridos deste mundo.

5.2. Serviço prestado pela Ordem na animação vocacional

A pastoral vocacional na Ordem dos Agostinianos Recoletos não pode responder a uma mera necessidade de sobrevivência, mas a uma exigência da mesma fecundidade carismática. *A pastoral das vocações nasce do mistério da Igreja e está a seu serviço. A Igreja mesma é vocação, e geradora e educadora de vocações, pela qual todos seus membros têm a graça e a responsabilidade de fomentar a diversidade de vocações eclesiais. As comunidades estejam abertas às possíveis vocações e atendam com cuidado aos sinais de vocação, para dirigir a cada um pelo caminho que o Senhor lhe assinalou. Todos os religiosos se considerem comprometidos a fomentar e cultivar as vocações”* (Constituições, n. 156).

O convite de nossas *Constituições* é o de converter cada comunidade em uma comunidade vocacional: *Prestem particular atenção a esta pastoral vocacional os que estão à frente das paróquias, os dedicados à educação, os responsáveis pelos movimentos pastorais, especialmente juvenis, e os que trabalham*

no campo das missões (Cf. *Constituições*, n. 157). O modo mais eficaz e proporcionado que se propõe para a animação vocacional é a oração insistente ao Senhor, e uma vida exemplar individual e comunitária. De fato, o testemunho de alegria é o mais direto convite a abraçar a vida agostiniano-recoleta (Cf. *Constituições*, nn. 158-159).

As vocações, para além do simples número, são um dom precioso que Deus outorga às famílias religiosas. Esta graça imensa é expressão do amor que ele tem à Família Agostiniano-Recoleta e uma confirmação de que o carisma segue vigente como inspiração do Espírito para viver e proclamar, no mundo de hoje, o Evangelho de Jesus. Tal bênção, ademais, compromete-nos em uma renovação espiritual profunda para que, a partir do Evangelho, realizemos uma promoção vocacional que manifeste a beleza do seguimento de Jesus na Ordem de Agostinianos Recoletos. Tal tarefa realiza-se principalmente através do testemunho gozoso da própria experiência de ter se encontrado com Cristo, o Senhor.

a) Objetivo geral da animação vocacional agostiniano-recoleta

Anunciar Cristo e evangelizar os crentes cuidando do nascimento, discernimento e acompanhamento das novas vocações, em especial das vocações à vida religiosa agostiniano-recoleta, nos ministérios que a Igreja nos confiou (cf. *Novas Vocações para uma nova Europa*, n. 25).

b) Objetivos específicos

- Fomentar a consciência de que cada religioso e cada comunidade devem sentir-se responsáveis pelo labor vocacional, sendo sinais de uma existência radicalmente evangélica, convencidos de que a eficácia vocacional depende de sua oração insistente e, estando abertos a acolher as possíveis vocações, acompanhá-las e dirigi-las pelo caminho que o Senhor vai assinalando.
- Animar os religiosos para que apresentem a forma de vida agostiniano-recoleta e ofereçam um acompanhamento personalizado nas diversas etapas do processo de maturação cristã na fé do discípulo missionário.
- Urgir a todos os agentes de pastoral vocacional a trabalhar em equipe, para que a animação vocacional se desenvolva como grupo em toda a Igreja.
- Integrar a pastoral vocacional na pastoral de conjunto, atendendo especialmente à pastoral juvenil (JAR), à pastoral educativa e à pastoral familiar.
- Incrementar nas comunidades agostiniano-recoletas a participação e a formação dos leigos como agentes de pastoral vocacional, sobretudo

do entre os membros da Fraternidade Secular e líderes das Juventudes Agostiniano-Recoletas. De fato, a valorização e o lugar dos leigos na animação vocacional é um sinal dos tempos que, em parte, se está manifestando cada vez mais frutífero (cf. *Novas vocações para uma nova Europa*, n. 13).

c) Os agentes vocacionais

♦ Deus

Deus é quem suscita as vocações, quem as realiza e eleva-as à perfeição. Ele é o primeiro a chamar. Hoje continua chamando e alenta-nos na tarefa da animação das vocações.

♦ O próprio vocacionado

Depois de Deus, que é quem, de fato, chama, encontra-se na ordem de importância aquele que é chamado. A tarefa da animação das vocações nunca deve substituir a responsabilidade pessoal ante a escuta e a resposta de quem experimenta em seu coração o chamado. Enquanto o animador vocacional acompanha o vocacionado em seu processo de discernimento, deve pedir ao Espírito Santo clareza para saber como envolvê-lo completamente na realização de sua própria vocação.

♦ A comunidade vocacional

Uma comunidade cristã prova seu vigor e maturidade na floração das novas vocações que nela conseguem gestar-se. Onde há comunidades de fé viva, de esperança compartilhada, abertas à ação do Espírito, sensibilizadas pela palavra de Deus, os sacramentos e o compromisso apostólico, surgem as vocações e são uma via segura para um autêntico apostolado vocacional.

♦ A comunidade religiosa

A comunidade religiosa agostiniano-recoleta, na medida em que vive unânime e concorde com *uma só alma e um só coração* (cf. Santo Agostinho, *A Regra*, I,1), é agente de animação das vocações ali onde se encontra. Somente nela os jovens descobrem e experimentam nosso carisma e podem decidir por uma opção de vida cristã específica. Entendida assim, a animação vocacional se converte em instrumento renovador da mesma comunidade local.

Corresponde a cada comunidade:

- Orar pelas vocações, especialmente na Eucaristia, na Liturgia das Horas e no retiro mensal.
- Elaborar um plano de animação vocacional local que será incluído no *Projeto de Vida e Missão* da comunidade –PVM–, e será avaliado periodicamente.
- Apoiar o trabalho dos promotores ou coordenadores vocacionais e do orientador local.
- Propor frequentemente nas pregações, catequeses, nos retiros *kerigmáticos*, etc., o tema vocacional.
- Dar a conhecer a vida e o pensamento de Santo Agostinho, bem como a história e a espiritualidade da Ordem dos Agostinianos Recoletos.
- Constituir a Fraternidade Secular e as Juventudes Agostiniano-Recoletas (JAR) em agentes vocacionais e acompanhá-las nessa missão.
- Respaldar e secundar as iniciativas da Equipe de Animação Vocacional local.
- Envolver os Conselhos de pastoral paroquial, as Equipes direti-vas dos centros educativos e das casas de formação, na animação vocacional.

♦ O superior maior

O superior maior, com o apoio de seu Conselho e dos Secretariados, é o máximo responsável na tarefa de animar e coordenar a pastoral vocacional (cf. *Constituições*, n., 159).

Corresponde ao superior maior:

- Facilitar todos os meios necessários para a implantação de uma adequada pastoral de animação das vocações em sua correspondente demarcação.
- Velar por uma mais adequada perseverança e estabilidade dos agentes vocacionais –religiosos e leigos– e por uma consistente pastoral familiar e juvenil em nossos ministérios.
- Revisar e fazer que o *Projeto de Vida e Missão* de cada comunidade local –PVM- contenha um Plano de animação vocacional local.
- Aproveitar as visitas de renovação para analisar a caminhada da animação vocacional em cada comunidade, e dar quantas reco-

mendações considerar oportunas para que todos os religiosos se envolvam no trabalho de animação vocacional.

♦ **O Secretariado de vocações e juventude**

Este Secretariado é o responsável imediato de arar, semear e cultivar a animação das vocações, programando e coordenando as iniciativas vocacionais nas diversas circunscrições –províncias, vigararias e delegações.

Corresponde ao Secretariado de vocações e juventude:

- Prover o necessário para que a pastoral de animação vocacional favoreça a renovação de nossa vida agostiniano-recoleta, e todos os religiosos sejam agentes ativos de promoção das vocações.
- Pôr em prática tanto o assinalado neste *Plano de animação* como no *Itinerário Vocacional Agostiniano Recoleta –IVAR–*, elaborando um Plano de animação vocacional para sua própria circunscrição.
- Colaborar com cada uma das comunidades locais na elaboração e execução de seu Plano de animação vocacional.
- Impulsionar a criação e o fortalecimento das equipes vocacionais, integrando agentes leigos e pessoas dos diferentes ramos da Família Agostiniano-Recoleta.
- Unificar entre os animadores vocacionais os critérios para o acompanhamento e admissão dos possíveis candidatos às nossas casas de formação.
- Facilitar todos os recursos humanos e materiais necessários para uma pastoral de animação vocacional intensa e ampla.
- Elaborar os materiais necessários – guias litúrgicos, subsídios para a semana vocacional, retiros, reuniões comunitárias, orações e celebrações vocacionais – para que os religiosos e os fiéis de nossos ministérios celebrem, se sensibilizem e se formem em tudo quanto se refere a animação vocacional.
- Preparar e organizar encontros – semana agostiniana e/ou semana vocacional– nos quais sejam apresentadas a vocação em geral e as vocações específicas à vida agostiniano-recoleta.
- Trabalhar e buscar uma boa coordenação com os outros Secretariados da Ordem e com os organismos diocesanos de animação vocacional.

♦ O promotor ou coordenador vocacional

A missão do promotor ou coordenador vocacional é a de animar e coordenar a ação vocacional (cf. *Constituições*, n., 160), levar aos discípulos missionários a uma proposta verdadeiramente vocacional, e dar a conhecer nossa Ordem e as diferentes vocações agostiniano-recoletas.

Corresponde ao promotor ou coordenador vocacional:

- Descobrir as possíveis vocações à vida religiosa agostiniano-recoleta.
- Acompanhar os processos pessoais de discernimento, maturidade e decisão vocacional dos possíveis candidatos à casa de formação.
- Visitar frequentemente nossos ministérios, animando e capacitando os religiosos e as equipes locais no trabalho vocacional.
- Colaborar com os orientadores locais e estabelecer uma comunicação frequente com eles mediante reuniões periódicas.
- Fomentar a criação de grupos vocacionais em nossos ministérios e favorecer a formação específica de seus integrantes.
- Organizar e responsabilizar das convivências e todo tipo de encontros vocacionais.
- Relacionar-se e participar ativamente na pastoral vocacional das Dioceses onde estão nossos ministérios.

♦ O orientador local

O orientador local tem como missão comprometer os religiosos e os membros da comunidade cristã em uma ação conjunta para descobrir, sustentar e desenvolver as sementes de vocação, procurando levar todos a assumir suas responsabilidades na pastoral de animação vocacional (Cf. *Constituições*, n.160).

Corresponde ao orientador local:

- Fomentar e manter vivo em sua comunidade o interesse pelas vocações.
- Juntamente com sua comunidade e a equipe de animação vocacional, elaborar e avaliar o programa anual de animação vocacional local.
- Fazer propostas vocacionais claras e diretas para a vida agostiniano-recoleta.
- Promover e animar a semana vocacional da comunidade e cola-

borar nas campanhas vocacionais diocesanas e nacionais.

- De acordo com o promotor ou coordenador vocacional, acompanhar os candidatos, tendo com eles encontros pessoais, facilitando sua participação em convivências vocacionais e ajudando-os a se integrar de forma progressiva na vida da comunidade religiosa.
- Promover o apostolado e a experiência de missão entre aqueles que manifestarem inquietações vocacionais.
- Visitar as famílias dos “vacionados” e dos formandos de nossas casas de formação.

♦ **A Equipe de animação vocacional local**

A espiritualidade de comunhão e a missão compartilhada com os leigos não é um luxo necessário nas comunidades locais, mas um sinal da vitalidade da Igreja. O discípulo missionário, seja qual for seu lugar no mundo e sua vocação na Igreja, tem de ocupar o lugar que lhe corresponde em ordem à evangelização e, claro, em ordem à promoção e animação das vocações; também as laicais. A Equipe de Animação Vocacional deve estar formada por cristãos das diferentes vocações específicas que, junto com o promotor vocacional e o orientador local, organizam e coordenam a animação das vocações na comunidade local.

Corresponde à Equipe de Animação Vocacional local:

- Promover a oração entre os fiéis, para pedir pelas vocações conforme o mandato de Jesus (cf. Mt 9, 35-38).
- Propiciar nas comunidades cristãs o despertar à vocação cristã e às vocações específicas, como caminhos para amar e servir na missão que Deus confia.
- Acompanhar os jovens para que discirnam sua vocação através dos meios e ações sugeridos pelo Itinerário Vocacional Agostiniano Recoleta –IVAR–.
- Alentar a cultura vocacional por meio de um clima de evangelização e catequese permanente, com o fim de formar uma comunidade madura na fé e na qual as vocações surjam naturalmente.
- Integrar a animação vocacional em todas as áreas de trabalho pastoral da comunidade local, adaptando-se às peculiaridades da realidade e às necessidades da Igreja local, comunidades e pessoas.
- Informar aos fiéis em geral e, em particular, aos jovens, sobre as

vocações na Igreja e, em especial, as vocações à vida Agostiniano-recoleta.

- Mediar entre o chamado de Deus e a resposta livre da pessoa, sem ter medo a uma resposta negativa.

♦ **A animação vocacional no Site e nas Redes Sociais**

Propor-se uma animação vocacional que tenha em conta a realidade de nossos tempos, implica estar cada vez mais presentes nos meios de comunicação social, como qualquer outro grupo que pretende oferecer algo significativo à sociedade. Trata-se de gerar a cultura vocacional nos âmbitos de vida e de relações próprios das redes sociais, que suscitem vida de relação com Deus e com os demais e que, por sua vez, possibilitem o despertar ao chamado de Deus.

Iniciativas para a animação vocacional no site e as redes sociais:

- Alimentar as páginas web institucionais – www.agostinianos-recoletos.com e www.inquietar.com – com informações sobre atividades vocacionais, conteúdos didáticos, reflexões e orações que facilitem o despertar vocacional.
- Apresentar no canal de *youtube* da Ordem dos Agostinianos Recoletos OAR– vídeos que interpelem a proposta vocacional e a vocação à vida agostiniano-recoleta.
- Gerar na Ordem materiais audiovisuais para alimentar tanto as redes sociais institucionais como as redes pessoais dos animadores vocacionais, com conteúdos relacionados na sementeira vocacional.
- Criar grupos de *WhatsApp* para manter uma comunicação constante entre os coordenadores e animadores vocacionais.
- Remeter constantemente a estes âmbitos de comunicação os jovens em geral e, em particular, os jovens dos grupos das JAR, os que estão sendo acompanhados e os que apresentam inclinação vocacional à vida Agostiniano-recoleta.

Conclusões

No ano da vida consagrada (2014), convocado pelo Papa Francisco, os consagrados foram convidados a *olhar o passado com gratidão, viver o presente com paixão e abraçar o futuro com esperança*. O serviço da pastoral de animação das vocações vive com especial intensidade estes desafios que o Papa Francisco propõe às famílias religiosas, em seu empenho de avivar sua vocação e missão na Igreja e no mundo. Em particular, este *Plano de animação das vocações* abraça o futuro com esperança, e o faz a partir da certeza de fé de que é o Senhor quem semeia a boa semente no coração humano. E propõe o serviço da animação vocacional desde o convencimento de que os animadores vocacionais são humildes colaboradores na messe do Senhor; tanto esforço na paciente sementeira dará os frutos que o Senhor quiser e quando ele quiser.

O grande desafio para a pastoral de animação das vocações é precisamente incutir a “cultura vocacional” nas comunidades cristãs, até que elas mesmas se constituam em autênticas comunidades *vocacionais*. Este novo caminho foi aberto pela mesma Igreja como uma resposta no Espírito aos sinais dos tempos. É de se esperar que também as comunidades cristãs, onde os Agostinianos Recoletos estamos presentes, vão dando passos firmes nessa direção. Portanto, o serviço que a Ordem realiza na promoção vocacional através deste *Plano de animação das vocações* procura incentivar as comunidades cristãs para que sejam realmente comunidades vocacionais.

Tudo parte do encontro da pessoa com Cristo. Portanto, a missão da pastoral de animação das vocações consiste, em grande parte, em ser servidores e facilitadores deste encontro vivo com Cristo; só no encontro com Cristo ressuscitado os jovens experimentam uma esperança mais forte que qualquer temor e dúvida. Precisamente a partir desse encontro do discípulo missionário com Cristo, tudo adquire uma nova interpretação e brota uma atitude de maior compromisso com a história. Daí que este *Plano* concentra seu esforço em semear com paciência no coração dos jovens o encontro com Cristo e sua Palavra.

Este *Plano de animação das vocações* põe o centro de seu ser e de sua ação no mesmo Cristo ressuscitado que percorre o caminho dos discípulos missionários. É, precisamente, no projeto do Reino que Jesus descobre

o jovem, onde este encontra um propósito preciso para sua vida, capaz de entusiasmar seu coração e de o impulsionar a viver com utopia. A aventura que aguarda o discípulo missionário será, antes de mais nada, um assunto entre o Mestre que chama e aquilo que o jovem discípulo compreende o que lhe está sendo pedido. De fato, quando um jovem descobre em Cristo sua vocação, brota uma força e uma motivação profundas que o levam a tomar decisões corajosas e a abrir-se ao futuro com esperança.

As diversas comunidades que formam a Ordem dos Agostinianos Recoletos devem sentir-se felizes de que entre aqueles que frequentam seus ministérios ou recebem seus ensinamentos, tenha quem sinta o chamado e decida se consagrar ao Senhor. Assim tem ocorrido, graças a Deus, ao longo de uma grande história que pode ser narrada, celebrada e agradecida. Contudo, surge no momento presente um grande desafio na pastoral de animação das vocações para os Agostinianos Recoletos: intensificar o olhar de fé. Por um lado, pede-se um olhar amável a respeito dos contextos nos quais se inserem os jovens, captando com delicadeza suas fortalezas e seus desafios. E, por outro, olhar e intensificar as raízes da própria vida espiritual, para poder acompanhar ao estilo de Jesus, o Mestre.

Aprovado pelo Prior geral e seu Conselho, na Sessão de 20 de outubro de 2020, Festa de Santa Madalena de Nagasaki.



agostinianos
recoletos